

ISUMY FERREIRA KUDO

**JOGAR BRINCANDO, ABRAÇAR SORRINDO:
INICIAÇÃO A LINGUAGEM CÊNICA ATRAVÉS DE JOGOS
PARA CRIANÇAS.**

BRASÍLIA, 2013



Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Cênicas

ISUMY FERREIRA KUDO

**JOGAR BRINCANDO, ABRAÇAR SORRINDO:
INICIAÇÃO A LINGUAGEM CÊNICA ATRAVÉS DE JOGOS PARA
CRIANÇAS.**

Trabalho de conclusão do curso de Artes Cênicas
Licenciatura, do Departamento de Artes Cênicas do
Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Ma. Fabiana Marroni Dela Giustina.

BRASÍLIA, 2013

Monografia de autoria de Isumy Ferreira Kudo, intitulada “jogar brincando, abraçar sorrindo: Iniciação a linguagem cênica através de jogos para crianças”, apresentada como requisito parcial para obtenção de grau de licenciado em Artes Cênicas da Universidade de Brasília, em 16/08/2013, deferida e aprovada pela branca examinadora abaixo assinalada:

**Professora Ma. Fabiana Marroni Della Giustina – Orientadora Instituto de Artes,
Universidade de Brasília.**

**Professora Dra. Roberta Kumasaka Matsumoto – Examinadora Instituto de Artes,
Universidade de Brasília.**

**Professora Dra. Monica Vianna de Mello – Examinadora Instituto de Artes,
Universidade de Brasília.**

Brasília - 2013



“Gosto dessa definição:

Abraço é o encontro de dois corações.”

Cazuza

AGRADECIMENTOS

Aos queridos mestres do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília, que compartilharam seus saberes e contribuíram na formação, com carinho dou um grande abraço apertado: Hugo Rodas, Fernando Villar, MárciaDuarte, Jesus Vivas, Mônica Mello, Fernando Martins, Bidô Galvão, Rita de Almeida e Roberta Matsumoto pelo apoio e orientação na Disciplina de Estágio Supervisionado II. Um super abraço mais que especial a orientadora Fabiana Marroni, pelos conselhos e carinhos.

Aos amigos de república e da vida UnB, onde criamos laços de família que levarei esse amor para uma vida toda, dou um abraço mais que especial nos amigos de choros, risos, desesperos, bebedeiras, sonhos e conquistas: Cleide Mendes, Ana Paula Andrade, Rita Cruz, Pamela Alves, Giselle Ando, Bárbara Firmiano, Izabela Parise, Albert Carneiro, Nitiel Fernandes, Luana Lima, Luana Maia, Barbara Cervo, Alisson Araújo, entre tantos outros que não caberão apenas em papel, mas que guardo num abraço.

Á Nina Orthof por seus cabelos despenteados nos momentos mais inusitados, por seu amor nos momentos mais difíceis, e por sempre dizer: “Vai dar tudo certo”, “qualquer coisa grita”, um abraço de urso na namorada mais avoada e ao mesmo tempo mais presente.

Aos queridíssimos amigos Cecília Aprigliano, Gê Orthof e Olivia Orthof, um abraço mais que apertado, por distribuir amor ao mundo.

Aos tios e tias que acreditaram no meu sonho e me ajudaram a torná-lo real. Em especial: Marcia Werneck por seu amor de mãe e abraços sempre cuidadosos, ao Timakazu Kudo e Noboshigue Kudo, por auxiliar em tudo sempre, e Yasumasa Kudo por sempre estar presente como um verdadeiro pai.

Agradeço a paciência de minha querida irmã Sayuri Kudo, por me aturar nos momentos de surto, de choros, de desesperos e lamúrias, e cuidar de mim sempre, a ela dou um turbilhão de abraços.

E é claro aos pequeninos que fizeram existir esse trabalho: Luana, Luiza, Juliana, João, Carolina e Carolina, Lorena, Izabella, Helena, Therry, Cecília, Beatriz e Zion, um abraço apertado da Tia Zuzu, como me chamam.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a duas grandes mulheres que deixam muitas saudades, e que lamento por não estarem presentes fisicamente neste momento.

Carol Scartezini (em memória) – Amiga que sempre sabia o que falar nas horas de dificuldade, que sempre estendia o braço quando precisasse, que lutava sempre por um mundo de amor e luz e no dia 18 de junho de 2013 foi fazer sua grande viagem, com muito carinho desejo abraços dançantes, flutuantes, debaixo da cachoeira.

Takayo Kudo (em memória) - Minha mãe, avó, amiga, mulher, guerreira, que sempre me ensinou a andar para frente, a amar incondicionalmente, que sempre dava um sorriso tímido quando brincávamos de fazer cócegas. Dedico com muito orgulho de minha origem e minha criação este trabalho a ela. A obatian(avó em japonês) que no dia 5 de julho de 2013 nos deixou fisicamente para viajar pelo universo e brincar com as estrelas, dou com muito amor verdadeiro a essa grande mulher, um abraço de saudades infinitas.

RESUMO

O presente trabalho teve por objetivo refletir sobre o processo de aplicação da oficina de Iniciação a Linguagem Cênica através de jogos teatrais e jogos de contato improvisação para crianças da Escola CECAN – Centro Educacional Candanguinho. Criando um espaço que possibilita a prática e a reflexão teatral nesta fase inicial de ensino, busco através deste trabalho uma aproximação dos participantes para que saibam trabalhar em grupo respeitando as diferenças de cada um, onde busco esta aproximação através do abraço, que acredito ser uma ação que aproxima e modifica indivíduos.

Palavras chaves: Arte-educação, jogos, crianças e abraços.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: AS AVENTURAS SOBRE AS DESCOBERTAS DO MEU CORPO – EDUCADORA.....	11
1.1. Abrindo o baú de memórias.....	12
CAPÍTULO II: COM AMOR CUIDANDO DA TERRA.....	18
2.1. Terra arada é terra pronta para ser plantada.....	22
2.2. PAUSA PARA O VÍDEO.....	37
CAPÍTULO III: A ENERGIA INVISÍVEL DE UM ABRAÇO.....	38
3.1. Entendendo como cuidar.....	38
3.2. Correndo para o abraço.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
ANEXO I - JOGOS DETALHADOS.....	49
ANEXO II - QUESTIONÁRIOS.....	52
ANEXO III – DIÁRIOS DE BORDO.....	62

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca contribuir com a prática teatral nos anos iniciais, desenvolvendo uma pesquisa através das oficinas de teatro ministrada aos sábados para crianças, no bairro Sudoeste-DF na escola Centro de Ensino Candanguinho - CECAN.

Dentro do ensino informal resgato minhas vivências e experiências para explorar a atual pesquisa. A pesquisa realizada tem como base teórico/prático minhas experiências em projetos de extensão da Universidade de Brasília – UnB com os professores: Fernando Antonio Pinheiro Villar de Queiroz, Marcia Duarte Pinho e Hugo Renato Rodas Giusto, e como teoria base, Flávio Degrandes, Viola Spolin, Débora Barreto, Izabel Marques e Kathleen Keating.

Em minhas experiências como docente até então havia trabalhado jogos somente com jovens e adultos, foi então que surgiu a oportunidade de trabalhar com crianças, me desafiando em propor um trabalho de contato improvisação que não se tem muitos estudos teóricos sobre o assunto, pois acredito na importância dos jogos de contato improvisação para aproximação do ser consigo, com o outro e com o mundo.

Acredito que estamos numa era de apegos materiais, e a falta de afeto e o cuidado com o outro tem tido consequências nada agradáveis nos dias de hoje, independente de classe social ela existe, então que comecemos a ensinar o amor ao próximo desde cedo.

Esta pesquisa diz respeito a todo o processo de organização, prática e reflexão sobre cada dia de encontro, refletindo sobre meu caminho de aprendizagem como arte-educadora e dialogando juntamente com a aprendizagem dos alunos envolvidos no processo.

No capítulo 1 – Conto minhas experiências com os mestres acima citados e como cada um deles fez parte em meu aprendizado como aluna, atriz, diretora e educadora, conto também sobre as oficinas realizadas como educadora e como elas fizeram parte da escolha na atual pesquisa. Nomeio este capítulo de, “As aventuras sobre as descobertas do meu corpo - Educadora”.

No capítulo 2 – A aplicação da oficina, onde dialogo com cada dia de aula, desafios, surpresas, percepções, conteúdos didáticos, forma de condução e reflexão. Este projeto

foi diretamente ligado a disciplina de Estágio Supervisionado em Artes Cênicas II orientado pela professora Robert Matsumoto¹ de modo que neste capítulo encontram-se relatos da experiência da sala de aula. Nomeio este capítulo de, “Com amor cuidando da terra”.

No Capítulo 3 – Relato a montagem de uma peça teatral com os alunos a partir do trabalho com jogos desenvolvido em sala, um desafio como educadora na direção de um espetáculo infantil e a continuidade do processo na busca pelo abraço¹. Nomeio este capítulo de “A energia invisível de um abraço”.

Convido a todos os leitores a mergulhar comigo nas aventuras deste trabalho em busca do abraço, onde de forma mais leve busco trazer numa grande contação de histórias sobre minhas experiências, decepções e descobertas a cerca dos mistérios da sala de aula.

¹Abraçar: Segurar alguém nos braços, especialmente de modo afetuoso; dar um abraço; envolver com os braços; acariciar; segurar apertado; manter próximo; ato de abraçar; forma de carinho.

²Roberta Matsumoto - Possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo(1989), mestrado em Cinéma,Télévision et Audiovisuel - Docum. Ethnogr pela Université de Paris X, Nanterre(1992), doutorado em Cinéma,Télévision et Audiovisuel - Docum. Ethnogr pela Université de Paris X, Nanterre(1998), pós-doutorado pela Universidade de Brasília(2005), pós-doutorado pela Universidade de Brasília(2002) e pós-doutorado pela Université de Paris 8 Vincennes Saint-Denis(2012). Atualmente é Professor Adjunto III da Universidade de Brasília e Pesquisador Associado da Université de Paris X, Nanterre. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cinema. Atuando principalmente nos seguintes temas:Capoeira, Antropologia Visual, Documentário etnográfico, Cultura afro-brasileira, Técnica corporal.

CAPÍTULO I -
AS AVENTURAS SOBRE AS DESCOBERTAS DO MEU CORPO -
EDUCADORA

“Se procurar bem, você acaba encontrando

Não a explicação (duvidosa) da vida

Mas a poesia (inexplicável) da vida”.

Carlos Drummond de Andrade

Começamos do começo! Confuso a definição do que seja “começo”, me pergunto primeiramente o que definir como começo de minha história. Creio que o começo não como o início de tudo, mas como nenhuma história existe sem antes existir um primeiro suspiro, que tal começar num longo, profundo e tranquilizador suspiro?

Foi exatamente num longo suspiro que percebi que escolher o teatro foi para mim não ter escolha, é como acontece quando amamos alguém, senti esse abraço no primeiro encontro, uma vontade desbravadora de me lançar ao mundo em busca dessas carícias, de olhos fechados lançando-me ao desconhecido.

No teatro sentem-se as essências do mundo, apaixonam-se a cada instante, doam-se, entregam-se, abraçam-se, e exatamente abraçando o teatro que me aventuro nesta nova jornada de dúvidas, caminhos, aprendizagem e com certeza muitas trocas. Falando de minha história “começo” então pelo ponto de partida que é meu lar UnB.

A Universidade de Brasília – UnB, meu lar, foi para mim uma mãe, estando aqui é que pude dar meus primeiros passos dentro do universo do teatro na construção dessa história, e foi dentro desta casa que pude conhecer amigos que se tornaram família, professores que se tornaram pais, e dentro deste prédio de vidro tão frágil que é o Departamento de Artes Cênicas que me fortaleci e me nutri como atriz, aluna e educadora, onde conheci mestres que com certeza me influenciaram nas escolhas que fiz que faço e que vou fazer.

As aulas de Corpo e Movimento e os projetos de Extensão foram com certeza às aulas de maior identificação, nelas pude perceber e escolher caminhos a seguir, na qual

identifico minhas paixões por tudo que diz respeito ao corpo e sua expressividade, por isso sou grata a todos os professores do Departamento de Artes Cênicas pela colaboração em minha formação nesses anos de UnB, mas principalmente a três grandes mestres que me espelho, me identifico nas quais tive maior contato, assim são eles: Fernando Antonio Pinheiro Villar de Queiroz³, Márcia Duarte Pinho⁴ e Hugo Renato Rodas Giusto⁵.

1.1. Abrindo o baú de memórias.

Busco desta forma, trazer ao conhecimento dos leitores minhas experiências para que assim possam compreender as aulas ministradas e dialogadas no próximo capítulo como objeto de minha pesquisa, buscando multiplicar esse conhecimento e de fato espelhado no trabalho vivido com esses mestres.

Com o professor Fernando Antonio Pinheiro Villar de Queiroz tive meu primeiro contato com os jogos teatrais, foram nas aulas de Oficina Básica de Artes Cênicas 1-OBAC, que experimentei muitos dos jogos que aplico nos trabalhos desenvolvidos mais adiante.

Além da aula de OBAC mantive uma aproximação com o professor através do Projeto de Extensão CHIA LIA Jr, que foi o primeiro projeto de pesquisa que participei dentro da Universidade de Brasília- UnB onde fiquei por um ano. Em meios a jogos

³Fernando Antonio Pinheiro Villar de Queiroz, Autor, encenador, diretor e professor. Graduação em Licenciatura Educação Artística - Artes Plásticas na Universidade de Brasília (1983), pós-graduação em Direção no Drama Studio London (1991) e Ph.D em Teatro no Queen Mary College da University of London (2000). Professor do Departamento de Artes Cênicas da UnB desde outubro de 1991 e do Mestrado em Arte Contemporânea do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da UnB de 2002 a 2010. Coordena o Laboratório Interdisciplinar de Investigação e Ação Artística (LIIAA) e os Grupos CHIA, LIIAA!! e Chia Lia Jr. Trabalha e pesquisa interpretação e encenação, William Shakespeare, teatro performance, poéticas contemporâneas, teatro brasileiro, interdisciplinaridades e indisciplinaridades artísticas. (Currículo Lates)

⁴Marcia Duarte Pinho, possui graduação em Educação Física pela Universidade de Brasília (1984), mestrado e doutorado em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2003/2009). Atualmente é professor adjunto da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Direção, Criação Coreográfica e Educação Artística, atuando principalmente nos seguintes temas: dança e dança-teatro. (Currículo Lates)

⁵Hugo Renato Rodas Giusto Possui graduação em Licenciatura em Piano - Conservatório Musical 'La Lira' (1957) e graduação em Interpretacao Teatral pela Escola de Arte Dramática do Teatro Circular de Montevideú (1961). Atualmente é professor doutor adjunto com Título de Notório Saber outorgado pela Universidade de Brasília. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Direção Teatral e Criação Coreográfica. (Currículo Lates)

teatrais desenvolvemos um trabalho de treinamento de ator, eles me ajudaram a trabalhar em grupo, a entender e respeitar o outro, a perceber tempo, espaço, movimento, presença, a escutar e a improvisar, por isso acredito na importância da pedagogia dos jogos de regras⁶ no ensino das artes cênicas.

Também pude ter o prazer de trabalhar com a professora Márcia Duarte Pinho nas aulas de movimento e linguagem 3 e 4. Os trabalhos com acrobacias e jogos de contato foram alimentando meu baú de memória na história desse corpo. Me identifico e admiro na forma como ela conduz suas aulas, de forma rigorosa e um corpo livre, exigente e ao mesmo tempo tranquila, cuidadosa e pontual, liberdade com qualidade, e assim comecei a entender a linguagem desse corpo, do meu corpo, de como os movimentos comunicam, o limite e a vontade desse corpo em movimento.

Nesse período aprendi a perceber outros corpos e foi entendendo as diferenças deles que hoje eu respeito cada um como ele é. O jogo de contato improvisação me proporcionou uma aceitação de meu próprio corpo e o respeito e afeto pelo outro. Na vontade de dar continuidade a essas descobertas, fiz parte Projeto de Extensão MOBAMBA, também orientado pela Professora Márcia Duarte Pinho, que trabalhava principalmente com as estéticas dos samba, associado a estrutura de movimento em forma de jogo cena⁷, onde fiquei por um ano na pesquisa.

Os jogos teatrais foi para mim um aprendizado prático, pontual e objetivo, já o contato improvisação foi um aprendizado muito subjetivo e sensível, tendo caminhos a se seguir e uma busca individual do que cada um necessita para si. Através desta experiência compreendo a importância dos jogos de regras, e também a importância da forma de condução desses jogos, que acima de tudo são jogos didáticos.

Na junção dessas duas técnicas, tive a oportunidade de estar perto do professor/diretor Hugo Rodas participando da turma de Interpretação 3 e do grupo de treinamento para atores durante três anos que resultou na formação do grupo ATA -

⁶Os jogos de regras aparecem por volta de sete a oito anos de idade como estrutura de organização do pensamento individual no coletivo, e se desenvolve até a idade adulta nos jogos de rua, jogos tradicionais ou folguedos populares.

⁷O conceito de jogo-cena é destacado do conjunto das manifestações artísticas englobadas pelas linguagens do teatro e da dança contemporânea e suas implicações estéticas, sendo observado, isoladamente em suas características estruturais como um componente das obras criadas neste contexto.

Agrupação Teatral AMacaca, onde apresentamos a peça “Ensaio Geral” no qual continuamos a pesquisar sobre a arte de interpretar. Veio em minha vida o mestre Hugo Rodas, juntando os conhecimentos acima citados, pois ele me motivou a perceber que os detalhes do mundo se transformam em inspirações para se fazer arte, num toque sensitivo e sensível que aprendi a calar, escutar e peneirar, a fazer e não pensar pois o aprendizado já existe dentro de cada um, basta saber acessar, aprendi a importância do gesto dentro do teatro, a utilizar os elementos aprendidos na Universidade e transformá-los em materiais de construção de cenas e de pessoas.

Foi então que na continuidade da história desse corpo, em conexão com os mestres acima citados, começo minhas experiências como aluna em formação, que até então não havia tido experiências em sala de aula, e foi aqui meu primeiro trabalho como educadora. Foi neste lar UnB que também fiz estágio de graduação na Diretoria de Esporte Arte e Cultura – DEA da Universidade de Brasília, onde tive a oportunidade de desenvolver oficinas a cada semestre, as oficinas são oferecidas a calouros de todos os cursos uma vez a cada semestre, normalmente na recepção do calouro na Universidade de Brasília.

No momento em que tive a oportunidade de dar aulas de teatro para este público, não pensei duas vezes se não dar algo voltado para o corpo, e pensando no que era prazeroso para mim que optei por desenvolver jogos de Contato Improvisação. Como primeira experiência acredito ser importante descrever brevemente, como busquei organizar minhas aulas neste primeiro momento, pois acredito que muito do que aprendi nesta oficina se repete em minhas experiências e auxilia nas escolhas nos trabalhos futuros.

A oficina aconteceu da seguinte forma: reconhecimento do espaço, reconhecimento do objeto e reconhecimento do outro, onde iniciei jogos que exploravam o espaço físico da sala, depois dialogando com o espaço e os objetos encontrados dentro deste espaço até chegar a perceber a presença do outro e jogar com a presença física do colega, a atividade final desta oficina foi o abraço, que considero uma fala e um símbolo universal de carinho.

Quando acabou percebi vários sorrisos e abraços sendo lançados pelos ares para vários lugares e pessoas, foi quando percebi que se eu escolhesse um tema que me faz bem, poderá chegar de alguma forma para as pessoas, não necessariamente será tão

prazeroso para eles como é para mim, talvez nem tenha chegado a todos como gostaria que chegasse, mas que percebo na dança e no teatro conhecimentos que são “invisíveis” para se medir, mas são o suficiente para se sentir.

O que pude tirar de maior significado nesta experiência, acredito ter sido a descoberta sobre o potencial da atividade do abraço, como elemento de afeto e sensibilização dos envolvidos no processo. Também percebo meus primeiros passos para escolha das atividades temáticas em propostas pedagógicas, onde aplico esta mesma proposta no projeto Segundo Tempo⁸, projeto este criado pelo então governador Agnelo Queiroz.

O projeto teve uma das sedes no Centro Olímpico - CO da Universidade de Brasília, que cedeu espaço para que desenvolvessem as atividades, foi quando me lancei novamente a uma experiência como arte-educadora. O projeto acontecia segundas, quartas e sextas no turno vespertino e os alunos eram do ensino fundamental do Paranoá e da Vila Planalto. As escolas é que escolhiam os alunos que iriam participar do projeto, onde o critério adotado pelas escolas participante eram os alunos de mau comportamento e baixa aprendizagem, o que resultou na dificuldade do projeto para lidar com muitos casos difíceis em um mesmo lugar, afinal o desafio do projeto estava relacionado ao critério de seleção dos alunos.

Foram sem dúvidas umas das experiências mais assustadoras que enfrentei até o momento dentro de sala de aula, mas que novamente me apoiei no conteúdo que tinha segurança em compartilhar.

Foi abrindo a escuta para o grupo que comecei a entender a realidade, as dificuldades e as necessidades deles, e então compreendi a importância e o prazer de educar, repito novamente a importância da escuta, pois o trabalho do professor que trabalha principalmente com algo tão subjetivo como arte, acredito que seja o de escutar, escutar com os ouvidos, com o corpo e por todo e qualquer lugar que se permita ter a escuta do

⁸ O Projeto Segundo Tempo tem por objetivo democratizar o acesso à prática e à Cultura do Esporte de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens, como fator de formação de cidadania e melhoria da qualidade de vida, prioritariamente em áreas de vulnerabilidade social. O programa tem como público-alvo crianças, adolescentes e jovens expostos aos riscos sociais.” (<http://www.esporte.gov.br/snelis/segundotempo/objetivos.jsp>, 30/04 às 16h).

outro, se você escuta, o outro responde, e se todos se escutam algo novo com certeza acontece.

O que posso tirar de proveito em minha formação como arte educadora nesta experiência do projeto Segundo Tempo, são as estratégias pedagógicas desenvolvidas e improvisadas ao longo do trabalho, e a descoberta da importância da escuta no relacionamento professor/aluno para uma dinâmica diferenciada em sala de aula.

Ainda na busca de aprimorar os conhecimentos adquiridos, mantive a mesma linha no meu projeto da disciplina de direção orientado pelo professor Jesus Vivas⁹, onde trabalhei com jogos de contato improvisação na temática de violência sexual, onde os quatro atores sendo duas meninas e dois meninos entre o 3º e 6º período do curso de Artes Cênicas, mantiveram um treinamento de dois meses até os jogos se tornarem cenas.

Os jogos eram propostos inicialmente como fonte de alimento para o processo criativo de cada um, mas que aos poucos pude perceber a funcionalidade deles em cena, onde os jogos aos poucos se tornaram consistentes e se comunicavam com aquilo que buscava dizer na temática pretendida.

O intérprete como artista da cena deve ter plena consciência da fantasia criada nesta outra realidade imaginada, que o afasta de seu comportamento normal(...)No jogo-cena, a ficção extrapola o aspecto extra cotidiano que caracteriza os jogos de outra natureza pela presença de um conflito dramático que orienta todas as ações dos jogadores. Essas por sua vez, são regidas por regras, que a delimitam. (MÁRCIA DUARTE, pág 169, 2009)

O projeto final foi o resultado da peça CASCA, que foi apresentada ao ar livre cercado por arames e lona, um ambiente aberto e ao mesmo tempo fechado, onde o público presenciava cenas de perto, a apresentação foi um jogo corporal sem o uso da fala. Foi uma experiência que mesmo me sentindo despreparada ou insegura, foi um dos caminhos necessários para hoje eu saber o que quero, onde trabalhar, como trabalhar e a importância de cada trabalho no meu aprendizado como educadora.

Neste trabalho tive o prazer de vivenciar a experiência de ser educadora e diretora ao mesmo tempo, percebendo essas duas funções caminharem juntas, tendo que optar em alguns momentos ser mais diretora, ou ser mais educadora, sem deixar de ser

⁹Jesus Vivas – Professor aposentado do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

os dois. Um dos aprendizados desta experiência é entender a funcionalidade do jogo na aplicação em cena, assim como percebo este mesmo processo na didática da professora Marcia Duarte, e que busco no trabalho a seguir a mesma linha de trabalho, para que alcancem uma motivação através dos jogos na criação cênica.

No cuidado como educadora em formação, busco continuar semeando esta terra com amor, pois nas descobertas desse corpo educadora ao longo das experiências acima citadas, continuo a pesquisa a cerca dos mistérios da sala de aula.

CAPÍTULO II -
COM AMOR CUIDANDO DA TERRA.

*“A mente que se abre a uma nova ideia,
jamais voltará a seu tamanho original”.*

Albert Einstein

A presente pesquisa teve suas aulas destinadas a crianças de 4 a 9 anos de idade de classe média alta, turma que faz parte do projeto AÇÃO que utiliza o espaço físico da Escola CECAN – Centro de Ensino Candanguinho do Sudoeste-DF, para desenvolver atividades de teatro para crianças de diferentes faixas etárias, o projeto conta com quatro turmas de teatro separadas por idades e recebe crianças da Asa Norte, Sobradinho e Sudoeste.

Quantidade de alunos	2	1	3	5	1
Idades		5	7	8	9
Total	12				

As aulas acontecem aos sábados de 9h às 12h, e o projeto conta com dois coordenadores¹⁰, que recebem auxílio da escola para manter o contato com os pais, tais como demais cobranças de mensalidades e manutenção do espaço físico, espaço este que conta com um teatro e três salas de aulas.

O projeto Ação tem como parceria a escola CECAN para desenvolver atividades de teatro extra curricular, o projeto possui atualmente quatro turmas separadas por faixa etária, todas dividem o espaço da escola aos sábados pela manhã, onde cada uma possui seu espaço em diferentes salas de aulas.

O teatro da escola é de palco semi-arena, e possui espaço para aproximadamente 200 pessoas, possui um camarim com dois banheiros e uma estrutura completa de iluminação. As salas de aulas são de formato padrão, com aproximadamente 30 carteiras, e dentro de cada sala possui, uma caixa de som, um ventilador e um retroprojetor, equipamentos que não podem ser utilizados pelo projeto AÇÃO.

O objetivo do projeto é proporcionar a essas crianças aprendizados teatrais de forma lúdica e objetiva, onde o interesse do projeto é que as crianças vivenciem e saibam fazer e falar sobre teatro. Não é de interesse da escola e do projeto formar futuros atores, o importante é que os participantes possam se apropriar dos conhecimentos adquiridos no teatro para utilizá-los nos mais diversos campos de conhecimento que pretendam seguir futuramente, além de ajudar no desenvolvimento de cada um como formação de indivíduos no seu aprendizado escolar. Um questionário foi passado para os pais de cada criança para que pudessem dizer o porquê e a importância de colocar seus filhos nas aulas de teatro. O retorno deste questionário sobre os objetivos dos pais variam de acordo com a necessidade de seus filhos, alguns esperam ver futuros atores, outros esperam que se expressem mais, que sejam menos tímidos ou que auxiliem no desenvolvimento escolar. (Anexo II)

Como educadora proponho neste trabalho experimentar elementos de contato improvisação através dos jogos teatrais para uma troca da linguagem teatral com os participantes, trazendo para o conhecimento deles a importância do teatro para a formação do ser, e através da vivência teatral estimular o gosto e respeito pela arte. Sendo assim espero alcançar os seguintes objetivos:

- Aproximação da linguagem teatral;
- A importância do trabalho em grupo, o respeito ao outro;
- Entendimento de seu espaço e o do outro, respeitando o indivíduo e suas diferenças;
- O diálogo não verbal, a escuta corporal;

¹⁰Eduardo Fernandes Batista – Coordenador de artes no Centro de ensino Candanguinho do Sudoeste e integra o corpo docente do 6º ano ao ensino médio.

- Apresentação final, focando na desenvoltura em cena, principalmente nas improvisações diante das dificuldades encontradas;
- Abraço um gesto sincero de confiança no outro.

A atual proposta é atuar e vivenciar as técnicas de jogos teatrais e jogos de contato improvisação para aproximação da linguagem cênica, focando principalmente nos benefícios que a arte proporciona para o desenvolvimento nesta primeira etapa, onde inicio as primeiras aulas brincando com jogos teatrais, até que as crianças possam se apropriar das regras existentes nos jogos, para cuidadosamente experimentar jogos de contato improvisação. Apresento desta forma um breve esclarecimento do que sejam os jogos teatrais e os jogos de contato improvisação.

Inicio a oficina com Jogos teatrais, uma proposta de ensino-teatro no contexto formal e que foi elaborada pioneiramente pela autora Viola Spolin, conhecida mundialmente por sua contribuição metodológica para o ensino do teatro. Segundo Flávio Degranges no livro *Pedagogia do Teatro*(2010), Spolin cria um sistema de exercícios para o treinamento do teatro, com o objetivo inicial de libertar a atuação de crianças e amadores de comportamentos rígidos e mecânicos em cena. Este sistema de atuação, calcando em jogos de improvisação, tem o intuito de estimular o participante a construir um conhecimento próprio acerca da linguagem teatral, através de um método em que o individuo, junto com o grupo, aprende a participar da experimentação cênica e da análise crítica do que foi realizado.

Para alcançar esse lugar de jogo, Spolin se apoia nos três elementos, são eles: ONDE, o ambiente onde ocorre a ação; QUEM, a pessoa que executa a ação; O QUE, a ação executada. Onde na prática essas três informações são concentradas em um único ponto denominado FOCO, que é responsável pela criação da explosão e/ou espontaneidade do jogo.

Através dos jogos teatrais e o entendimento dos jogos de regras, é que entramos nos jogos de contato, para que através das brincadeiras as crianças possam se aproximar da linguagem cênica buscando uma aproximação entre elas, onde cuidadosamente busco os pequenos contatos, passando do jogo para o contato improvisação, até se chegue ao abraço.

Algumas vezes assistimos peças atuadas por crianças que permanecem em pequenas áreas com medo de tocar, olhar diretamente ou ouvir umas as outras. Contatos intensos entre os jogadores, quando uma mão realmente segura o braço do outro ou quando um olhar encontra outro olhar, torna a solução mais viva, mais sólida. (VIOLA SPOLIN,2008, p.266)

Entendendo que Viola Spolin compreende a importância do toque nos jogos com crianças, busco desta forma, o contato como pedagogia, que auxiliaria por meio do jogo de regras a motivação para aproximação desse toque consciente.

O Contato Improvisação foi criado nos anos 70 por Steve Paxton nos EUA, e logo utilizado na Europa e outros países, hoje é uma referência para muitas companhias de dança, de teatro físico como também em outras áreas do conhecimento. Seus fundamentos dão origem a uma forma espontânea de dançar, onde duas ou mais pessoas brincam com o toque e a transferência do peso, relacionando-se de forma espontânea e improvisada. O Contato improvisação baseia-se na expressão e percepção através do toque para um diálogo físico e espontâneo, criando sutilmente um diálogo não verbal, requer um conhecimento do outro para a escuta corporal. Os meios de se chegar ao lugar sensível de percepção do outro é um caminho individual, não existem formulas prontas para se fazer contato improvisação, existem técnicas básicas como apoios, quedas, transferências de peso, que auxiliam neste jogo improvisado, mas vai além do contato físico, a abertura interna de cada um para entender, apropriar e executar é um caminho a percorrer individualmente, pois não é fácil tocar e ser tocado, reforçando que vai além¹¹ do contato físico.

Proponho desta forma uma brincadeira entre duas brincadeiras, aproximando e integrando o jogo teatral com o contato improvisação, para auxiliar na atenção, no foco e no autoconhecimento, além de ampliar a percepção sensorial sobre o outro. Pretendo me apropriar das regras, e pequenos contatos que os jogos teatrais oferecem, para que aos poucos as crianças possam passar das regras existentes no jogo teatral, para se apropriar dessas regras em prol de uma “liberdade” cuidadosa do contato improvisação. As brincadeiras se transformam à medida que as crianças se apropriam dessas regras, e que não seria mais necessário relembrá-las, pois já estão fixadas, podendo acessar quando necessário.

¹¹Além – Como aspecto subjetivo, onde “conduzir” e “ser conduzido” requer confiança, desprendimento, segurança, etc.

2.1. Terra arada é terra pronta para ser plantada.

Busco apresentar neste subitem aspectos didáticos, forma de condução e reflexão sobre cada aula, a partir de minhas percepções educacionais frente a minhas primeiras aplicações de jogos com crianças, onde pretendo compartilhar com os leitores minhas experiências em sala de aula, para que compreendam como este trabalho foi se constituindo meu objeto de pesquisa. Considero essa etapa da pesquisa como se cada encontro fosse uma semente semeada, de modo que começarei a descrever e analisar cada semente que plantei e foi plantada. Logo abaixo o leitor encontrará aula por aula, onde a descrição de cada jogo se encontra no anexo I, na sua forma original.

O primeiro encontro com as crianças foi de observação onde assisti a antiga professora a conduzir o encontro. Na turma havia cinco crianças, e todas meninas. Os conteúdos foram os seguintes: Jogo dos números, Quem começou o movimento? e Pique bandeirinha. (Anexo I)

Iniciou-se a aula com o Jogo dos números, e neste primeiro momento percebi que três das meninas não se escutavam e conversavam o tempo todo, a regra do jogo era que se duas ou mais falassem o mesmo número juntas o jogo voltaria ao início, acontece que três meninas queriam muito participar, e não davam espaço para as outras participarem também.

Uma observação pertinente é que as crianças não se ouvem e não respeitam o espaço umas das outras, nem mesmo respeitam o professor. Refletindo sobre a escuta e a comunicação destas crianças comecei a me perguntar como é o relacionamento delas no seu dia-a-dia escolar, ou até mesmo em casa com seus familiares, pois muito do que as crianças nesta faixa etária aprendem é se baseando primeiramente na figura que tem como referencia em casa, na escola, na televisão, entre outros.

No Jogo de quem começa o movimento, que busca principalmente a observação entre elas, as crianças começavam se divertindo e depois elas começavam a brigar, pois queriam sempre iniciar o jogo, mesmo que já tenham ido e que tivessem colegas que ainda não foram, quando contrariadas elas não faziam o exercício, e de cinco que brincavam, no final restavam duas.

Pude perceber que são crianças que ainda não aprenderam a esperar, a respeitar o momento do outro, a ter paciência e respeito com o colega, e principalmente a não

aceitar o não como resposta. Acredito que os projetos informais também podem contribuir para a educação da criança de forma abrangente, não apenas como objetivo passar o conteúdo linguístico programado, a responsabilidade de educar e ensinar para formar seres humanos capazes de conviver em harmonia em sociedade depende daqueles que a cercam, tem que vir de cada um a iniciativa de proporcionar a elas outro tipo de relação, pois todos somos mutáveis, aprendemos e mudamos o tempo todo, principalmente quando crianças pois é quando estamos entendendo quem somos e o que fazemos.

Após essa atividade a professora permitiu que as crianças escolhessem do que gostariam de brincar, gastamos muito tempo apenas para organizar as brigas, e só depois poder começar a brincar.

Voltamos para a sala de aula e percebi que são crianças que gritam muito, pois ao invés de falar elas gritam para serem ouvidas, brigando pela atenção da professora.

Se é verdade que se pode constatar a existência de um maior nível de agressividade nas crianças, também o observamos nos jovens e adultos. Há efetivamente uma correlação entre o comportamento das crianças e dos adultos que são figuras de referência: pais, outros familiares, vizinhos, professores ou auxiliares de ação educativa. As crianças tendem a replicar os comportamentos observados e, se virem frequentemente os pais a discutirem entre si, ou a reprimirem as suas "traquinices" com agressões verbais ou físicas, é natural que também elas adotem posturas mais agressivas nos diferentes contextos de interação. (Catarina Riveiro, Novembro, 2009).

Como futura arte-educadora começo a perceber esse tema como de extrema importância, se tornando um foco de minhas preocupações, pois no momento em que pretendo iniciar um trabalho de afeto, a agressividade, a falta de escuta, de compreensão ou de respeito são comportamentos que vão contra tudo que pretendo construir, sendo assim uma terra que pretendo cuidar com maior atenção, num cuidado para que estas atitudes não venham a prejudicá-los.

Para a aproximação da linguagem teatral escolhi o trabalho corporal junto com a fala para estimular a imaginação. Iniciei então o primeiro dia de aula com os seguintes jogos: O jogo dos nomes, Jogo do nome com movimento e Jogo da borboleta. (Anexo I)

O Jogo dos nomes foi executado com uma bolinha, para que entendessem de fato que quem estava com a bola é que tinha a voz do jogo, introduzindo então as regras dos combinados num jogo divertido, foi bem proveitoso, pois a partir daí pude lembrá-los que cada um tem sua vez de falar, e a importância de escutar e ser escutado. Utilizar

um elemento palpável com regras e objetivos claros auxiliou na dinâmica do jogo, a partir daqui pude utilizar essa mesma proposta em outros momentos quando necessário, buscando solucionar um dos problemas observados na aula anterior.

Pensando em solucionar o problema com a escuta, a primeira dinâmica adotada nos encontros que conduzi foi a da bolinha, onde quem estiver segurando a bolinha é quem tem o poder da palavra. Estabeleço então por meio da linguagem cênica, regras combinadas de convivência.

Ainda na dinâmica dos nomes introduzi o movimento junto com a fala no jogo do nome com movimento, o fato de ter que fazer um movimento falando seu nome duas crianças se mostraram bem tímidas, neste momento optei por deixá-las se sentirem a vontade a participarem na medida em que se sentissem seguras e confiantes, pois a exposição individual pode parecer pavoroso e amedrontador para quem não tem o costume de se expor em público, normalmente nos sentimos observados e até mesmo criticados, o medo do ridículo é maior do que a vontade de participar.

Dou uma atenção neste caso, pois acredito que seja um tema que todos os professores de teatro em algum momento já vivenciou ou vivenciará. A timidez e não só das crianças está relacionada a uma série de fatores que nós professores precisamos lidar em sala de aula.

Como diz Maria Inez no livro, Estudos de Casos em Psicologia clínica Comportamental Infantil (2000), as principais condutas socialmente retraídas na infância estão relacionadas, a escassa habilidade social, carência, apatia, insegurança, temor, conceitos sobre si mesmo, auto-estima e auto-avaliação negativa, subestimar-se, sentimentos de inferioridade, auto-exigência, autocrítica, hipersensibilidade, tristeza ou depressão.

Cada um tem um processo diferente, respeitar o tempo de cada um é importante para o crescimento como individuo, estimulando sempre seu crescimento, mas o passo quem dá é cada um, superar suas dificuldades acontece com o tempo e com o auxílio de todos.

Dando continuidade às atividades desenvolvidas nesse dia, partindo de um lugar da fala nos jogos dos nomes, para um lugar de corpo e fala, no jogo do nome com movimento, busquei então um trabalho com a memória, para que todos conseguissem

dizer o nome e o movimento de todos os colegas, a dificuldade foi para elas relacionarem o nome com o movimento, andando pelo espaço só fazendo aleatoriamente o movimento foi interessante para perceber a desenvoltura corporal de cada um, o que aconteceu bastante foi a descoberta de novos movimentos, o exercício foi bem executado, pois elas sabiam quais eram os movimentos, mas isso não as impedia de descobrir outros, o que é muito importante para o improviso.

Após estimular o trabalho com a memória e explorar seu corpo em movimento, iniciei o jogo da borboleta, que estimula a imaginação. É incrível como a imaginação das crianças vai além da esperada, elas faziam suas próprias trajetórias, aumentando o tamanho das borboletas e chegando até a matá-la. No intuito de não deixar que essa imaginação fosse além do esperado e ultrapassasse minha capacidade de conduzi-la, a brincadeira se transformou em uma relação autoritária, o que infelizmente não me agradou como educadora, pois me coloquei em uma posição onde eu mando e os outros obedecem, não dando muito espaço para explorarem o imaginário pretendido no jogo. Foi então que busquei compreender o desenvolvimento das crianças através das brincadeiras que se utilizam o tempo todo do imaginário que constroem nos jogos.

Compreendendo a brincadeira, podemos afirmar que a educação infantil tem-se utilizado de um recurso bastante rico, mediante a qual as crianças podem apropriar-se do mundo não diretamente, mas ativamente por meio da representação. No entanto a brincadeira deixa de ser concebida como uma característica inata da natureza infantil e passa a ser vista como uma atitude e uma linguagem que é aprendida nas relações sociais e afetivas desde a mais tenra idade. (Gisela wajskop, Fevereiro, 1995).

Esperava poder explorar o imaginário criativo das crianças neste jogo, mas percebi que o imaginário da criança é tão imenso, tão cheio de possibilidades que é preciso ter cuidado quando e como estimular esse lugar, pois é a partir do faz de conta que elas compreendem a realidade, e como educadora preciso aprender a mediar esse caminho que as crianças buscam no sair de faz de conta para se depararem com a realidade da vida.

Estou sempre buscando jogos que tenham significados ao aprendizado do aluno, uma de minhas preocupações neste momento é manter o foco no objetivo a ser alcançado, e não conseguir mediar da melhor forma possível esses jogos, por isso neste jogo mudei minha forma de condução, que infelizmente não foi nada proveitoso no sentido de alcançar o objetivo do jogo, que era explorar o criativo imaginário das crianças. A criança deve ser constantemente estimulada para se tornar um ser criativo,

independente e capaz de encontrar sozinho as respostas para as suas indagações, mas mesmo nos jogos que estimulem a imaginação, as regras precisam estar claras, uns dos problemas encontrados, acredito ter sido o entendimento dessas regras, tanto para mim como para os alunos.

De fato as crianças utilizam as regras a seu favor, por isso é muito importante que as regras sejam repassadas pelo menos três vezes, e mesmo assim haverá dúvidas e a utilização dessas regras de outra forma que não a esperada.

Foi refletindo sobre essas questões que no segundo encontro busquei jogos que explorassem o imaginário de outra forma, jogos que busquem imagens dentro do movimento corporal, que explorassem mais o corpo e seus movimentos, entendendo o limite de cada corpo, trabalhando a ansiedade e o controle dos movimentos, o equilíbrio, a paciência, a respiração e a paciência nos jogos, introduzo então, os jogos: Corrida em câmera lenta, jogo de quem chega primeiro/batatinha quente, jogo do comandante, jogo quem começou o movimento?, jogo três mudanças.(Anexo I)

Começamos as atividades meia hora atrasado, pois um dos professores faltou e tive de dar aula para duas turmas nesse dia, tendo ao todo doze crianças com faixa etária entre 5 a 12 anos. A aula esperada não foi executada, optei pela mesma aula do sábado anterior, pois seria interessante para introduzir os novos alunos, e a repetição dos jogos com a minha turma.

Iniciamos a aula com o jogo do nome com a bolinha, depois o jogo do nome com movimento e Quem começou o movimento?. Na minha insegurança para lidar com o imprevisto e na posição desconfortável das crianças, demoramos em torno de uma hora e meia para desenvolver os dois primeiros jogos.

Pois no Jogo dos números, onde o objetivo era chegar até dez, além de proporcionar a atenção deles voltada para o coletivo, busquei iniciar uma aproximação maior entre eles. Quando consegui que se concentrassem, demos continuidade às atividades no jogo do nome com movimento, utilizamos a bolinha, onde quem estiver com a bolinha na mão é quem tem o poder da palavra, o jogo era claro, pegar a bolinha dizer seu nome e fazer um movimento, e assim passar a adiante, depois o mesmo jogo andando pela sala, e para passar a bolinha tinha que jogar para o colega chamando-o

pelo nome, neste momento ouve claramente uma separação de grupos, a ligação dos dois grupos foi uma de minhas alunas que passava a bola para o grupo dos maiores.

Percebi que todas as crianças apresentam motivações para brincar, mas que uma das diferenças encontradas nas brincadeiras se refere principalmente a idade. Mas no jogo de quem começou o movimento, o entrosamento foi maior, executaram e aproveitaram bastante, não encontrei problemas em relação a diferenças de idade, ambos os grupos desenvolveram bem a atividade e exploraram bastante os movimentos.

Foi um dia de improviso para mim, lidar com uma turma onde as idades variam de cinco a doze anos, que para as criança é uma diferença gigantesca no processo de aprendizagem, o complicou bastante no aproveitamento das atividades, mas o fato de minha inexperiência e insegurança em lidar com a situação provocou um desconforto e conseqüentemente uma desorganização por parte das crianças.

O fato de optar por exercícios já executados na aula anterior, não foi tão bem contemplado, pois minha turma estava mais agitada do que o normal, ao invés de conversar elas gritavam, ao invés de andar elas corriam, queriam a atenção que tinham nas outras aulas, e que ali estavam dividindo atenção com outra turma, entendi que não fiz uma boa escolha em passar exercícios já executados, pois a nova turma estava aproveitando bem, já a minha turma não, estavam incomodadas com a presença de outros integrantes e não aproveitou o suficiente a proposta do dia.

Infelizmente fiz uma péssima escolha em mudar as atividades propostas, acredito que nem pensei em rever as atividades do dia para poder fazer alguma mudança, ou até mesmo improvisar com elas, optando em ir por um caminho seguro, pois eram atividades já executadas, mas que deram mais trabalho do que o imaginado, por erro meu de pensar que não daria certo fazer novos exercícios, e por insegurança nem pensei em tentar.

Após a aula de improviso para mim, na terceira aula, busquei um trabalho que visa estimular o próprio movimento, ainda na ideia anterior de explorar o imaginário através das imagens corporais, conhecendo seu corpo e seus limites, trabalhamos exclusivamente neste dia os apoios¹², onde o intuito foi explorar as possibilidades

¹²O que serve para amparar, sustentar, suporte, base, proteção e auxílio.

corporais das crianças, o diálogo não verbal, o trabalho em conjunto, o limite dos corpos, trabalhando também seu equilíbrio e o cuidado com os colegas, agora com uma turma maior, pois haviam sete alunas matriculadas.

Iniciamos com alongamentos e trabalhos de articulações, pedi que se deitassem e mexessem cada parte do corpo em sequencia, aos poucos mexendo o corpo todo, dançando livremente de acordo com a música que estava tocando, coloquei músicas instrumentais músicas instrumentais agitadas, assim elas iriam se aquecendo de forma que nem percebiam que já era um momento de acordar o corpo para a atividade seguinte, de forma divertida e descontraída as crianças dançavam e se divertiam muito, pulando, mexendo livremente e interagindo umas com as outras.

Trabalhando o movimento, e o conhecimento de seus limites, na dança livre, as crianças adoraram e não queriam parar, pois estavam sedentas em explorar o corpo e gastar muita energia.

Partindo para os apoios fiquei bem surpresa nas soluções que elas encontravam ao explorar seu corpo, eram formas diversas para solucionar um mesmo problema e como elas olhavam muito que a outra estava fazendo, virou uma competição para ver quem achava a solução mais diferente e interessante, o que foi ótimo, pois descobriram novas imagens a partir da observação do outro, criando uma relação entre elas, e a descoberta das possibilidades de seu corpo.

Ao colocá-las em duplas a dificuldade foi executar, pois mais falavam do que faziam, uma queria mandar na outra, e dizer o que tinha que ser feito. Então Pedi que a solução tivesse que ser dada sem a fala, e sem dizer nada teria de achar uma saída, tenho consciência de que o que foi pedido é de fato difícil num primeiro momento, mas o fato de se observarem foi bem importante, para entenderem que um apoio pode ser executado de várias maneiras, e que a fala pode ser executada de outra forma, não necessariamente pela fala falada, a dificuldade do exercício exigiu uma postura diferente dos participantes, mantendo-os atentos e cuidadosos.

É de fato muito importante se conhecer para depois conhecer os outros, pois acredito na importância no trabalho de uma busca individual para um bom relacionamento no coletivo, assim na quarta aula desenvolvemos atividades para reconhecimento de si, percebendo como é visto pelos outros, estimulando a criatividade e a imaginação, o controle sobre seu corpo, as possibilidades de movimentos

estimulando o diálogo não verbal em uma busca de fala pelo corpo, explorando cada parte do corpo com cuidado e foco, assim os jogos foram: Jogo me conhecendo, jogo reconstruindo-me, jogo expressar por partes, jogo extensão da visão, jogo extensão da audição, jogo extensão do olfato. (Anexo I)

Fiquei bem atenta ao novo integrante que estava em seu primeiro dia de experiência, por ser uma turma só de meninas percebi que houve uma resistência da parte delas para aceitar um integrante do sexo oposto. Por sorte a aula era toda voltada para o indivíduo e as atividades não exigiam muita aproximação física, o que fez com que as meninas não “assustassem” o menino no seu primeiro dia.

O Jogo se conhecendo saiu um pouco do que se pretendia que era se ver no corpo do outro, no entanto quando perceberam que os outros estavam observando alguns paravam tímidos, outros exagerava em suas caminhadas, o caminhar natural que foi pedido no início se transformou, mas pude perceber então as que gostam mais de se expor e as que ainda têm dificuldades.

Aos poucos fui introduzindo o jogo reconstruindo-me, que foi bem proveitoso, o fato de se imaginarem de tamanhos e formas diferentes do que são, estimulou bastante a imaginação e a criatividade das crianças, percebi que já estavam dominando o espaço, pois quando se é grande ou comprido seu espaço muda, por isso elas às vezes se afastavam para poder caber nesse espaço, foi um jogo proveitoso e produtivo quanto à espacialidade, e a imaginação que permite invadir a realidade, acredito que é uma das coisas mais incríveis de se trabalhar com crianças, elas se permitem modificar a realidade, acreditam fielmente no que se propõem a fazer.

A criança deve ser constantemente estimulada para se tornar um ser criativo, independente e capaz de encontrar sozinho as respostas para as suas indagações, e assim no jogo expressar por partes busquei estimular algo que não costumam fazer no dia a dia que é a não utilização da fala, o que antes os sentimentos eram apenas expressados pelo rosto, agora eram expressados pelo corpo inteiro, sugeri que andassem pelo espaço pensando nestes variados sentimentos sendo transmitidos pelo corpo.

Em minha experiência de contato improvisação pude notar que alguns movimentos me traziam algum tipo de sentimento, assim como movimentos me permitiam transitar por variados sentimentos como, por exemplo, os movimentos

pesados me levavam a raiva, movimentos lentos e suaves trazia a tranquilidade e felicidade, e com esse exercício quis que cada um achasse seu sentimento em seu movimento ao caminhar. As crianças costumam imitar uns aos outros, o que não é de todo ruim, elas aprendem muito observando o outro. Mas a sensibilidade de movimento/sentimento ainda não foi atingida, aqui ainda é o movimento pelo movimento, que acredito que é um dos caminhos necessários também.

Buscando uma sensibilidade através dos sentidos, iniciamos os Jogos de extensão dos sentidos, que são bem difíceis de executar, pois exigem uma atenção maior para abrir espaço para a percepção. Este jogo exige uma atenção maior, precisando estar atentas ao seu redor, mas notei que as conversas paralelas não permitiram essas percepções, pois um dos maiores problemas enfrentados em sala de aula são as excessivas conversas, que atrapalham a dinâmica das aulas. Refletindo sobre as excessivas conversas começo a repensar sobre minha forma de condução, para obter a atenção e o interesse do aluno sobre os jogos pretendidos.

Para aprender, é preciso que estejam mobilizadas a afetividade (emoções e sentimentos), a vontade, a atenção e a memória. Instigar a curiosidade é uma das melhores maneiras de despertar a criança e o jovem para o saber. Nós, professores, temos tido muitas dificuldades para conseguir isso; os conteúdos não são interessantes e a metodologia utilizada também não atrai o aluno, pois tudo o que agrada ensina mais eficientemente. (Irene Liesenberg Souto Maior)

Neste momento, sinto necessidade de repensar e aprender a tornar as aulas mais interessantes para os alunos, para que se sintam curiosos em desenvolver as atividades propostas, acredito que os jogos são divertidos e importantes para o desenvolvimento de cada um, mas para que eles aconteçam, preciso torná-los mágicos, e isso é exatamente relacionado à forma de condução do professor.

Buscando uma dinâmica diferente na aula seguinte através das reflexões acima, busquei jogos que explorassem o que aprenderam na aula anterior. Acredito que os princípios de acrobacias são importantíssimos para o trabalho com os jogos de contato improvisação, que requer consciência corporal, concentração, equilíbrio, trabalhando o movimento fluido, controlando o peso, cuidado e controle corporal que os jogos de contato improvisação também trabalha, aprende o cuidado que deve ter com seu corpo, saber cair, saber se levantar e se deitar é importante para que não se machuquem. Os jogos foram os mais desafiadores, pois os trabalhos com acrobacias trabalham com os limites e as capacidades de seu corpo, os jogos foram: Como se levantar sem fazer

esforço, pequenas demonstrações de queda, queda e recuperação, jogo morto e vivo, morto vivo em câmera lenta, pontos de desequilíbrio, cambalhotas para frente, cambalhotas para traz. (Anexo I)

O único menino da turma agora estava matriculado. O dia foi de atividades individuais, mas o problema era fazerem o círculo dando as mãos, acontece que as meninas não queriam dar as mãos para o menino, o que me fez parar por dez minutos para falar sobre a aceitação do outro, expliquei que somos todos diferentes, e que para conviver em harmonia precisamos respeitar essas diferenças. Fez bastante diferença durante todo o dia.

Entendido a importância de aceitar o outro com suas diferenças, iniciamos as atividades dos jogos de Como se levantar sem fazer esforço, pequenas demonstrações de queda, queda e recuperação, esse dia trabalhamos bastante o corpo e suas possibilidades, os exercícios que ajudassem a entender como brincar com o corpo sem se machucar, respeitando seus limites. Demonstrei como levantar da forma correta sem comprometer a coluna, todas as atividades eu mesma exemplifiquei pelo menos cinco vezes passo-a-passo para que não tentassem fazer sem antes entender bem como se faz. A demonstração de queda foi especificamente para uma de minhas alunas, que adora subir nas coisas, de fato pensando nela que dei essa aula, pois ela é bem agitada e não tem medo de se machucar, por isso é importante saber cair.

Dando continuidade a atividade anterior de queda e recuperação, o Jogo de morto vivo e Morto vivo em câmera lenta, jogo que já é bem conhecido pelas crianças, busquei explorar mais a dinâmica do sobe e desce da brincadeira, a única mudança foi que adicionei a câmera lenta para trabalhar o tempo e o controle do corpo, pois como já haviam feito o exercício anterior da corrida em câmera lenta, os princípios elas já sabiam e executaram muito bem o exercício.

Assim que entenderam a dinâmica e os princípios dos jogos, dificultei a atividade no jogo de pontos de equilíbrio, mas elas me surpreenderam, pude perceber que a criatividade das crianças é realmente um universo sem fim, a cada instante elas buscavam as formas mais difíceis de manter em equilíbrio, elas se imitavam quando gostassem de alguma posição, e quando não davam conta de se manter em equilíbrio e por acaso caíssem, elas já sabiam o que fazer. Até então estava de fato muito segura na fluidez dos jogos, e na importância da sequência escolhida, que de fato foram importantes para avançar nos jogos e no desenvolvimento de cada criança.

Mas no jogo de Cambalhotas para frente e para trás, de fato foi precipitado passar um pouco de acrobacias, pois deveria esperar, passar mais de quedas e recuperação e de apoios, e só depois de estarem familiarizados é que deveria passar cambalhotas, foi um erro porque as crianças ainda não estavam tão confiantes em experimentar, e muitas ficaram com muito medo de tentar.

Na sexta aula arrisquei tentar algo diferente, pois nas aulas anteriores exploramos o cuidado e o limite de seu corpo, agora os jogos foram entender o cuidado com o outro, nos jogos: Jogo guiar e ser guiado, jogo do espelho, jogo de marionete, jogo de manipulação por pequenos contatos, abraço. Agora com uma turma de oito meninas e dois meninos, um deles com apenas cinco anos de idade. (Anexo I)

Agora as atividades eram todas em grupo ou em dupla, o que me fez conversar antes de começar a aula com todos sobre a importância de trabalhar em grupo, e de conseguir desenvolver as atividades com colegas que não tem tanta intimidade, a importância de fazerem novos amigos e o quanto podemos aprender e ensinar para e com nossos colegas, e a importância de ter cuidado com o outro.

No Jogo guiar e ser guiado, separar as duplas foi complicado, quem ficou com o menino não quis fazer a aula, retomei a fala sobre o que acabara de dizer em relação ao respeito ao outro, e a uma das crianças que se dispôs a fazer com ele, falou a seguinte frase: “meu pai disse que todo mundo é igual, e não é porque ele é menino e negro que ele é diferente da gente”, ela então tomou a atitude, dando uma lição para as outras meninas da turma. Fiquei bastante orgulhosa.

Na atividade as crianças aproveitaram mais a proposta, andamos pela escola cuidando uns dos outros, eles dominaram a brincadeira de tal forma que pude perceber que estavam realmente preocupados em guiar sem machucar o colega, busquei levar elementos um pouco mais desafiadores, como por exemplo, rápidas corridas, e eles conseguiram manter a mesma concentração, sem deixar que o colega se machucasse.

Ainda no cuidado com o outro, só que agora com a observação no colega, o jogo do espelho foi pensando em dois alunos meus, uma é a mais nova que tem cinco anos de idade e o outro é o único menino da turma, ambos tem dificuldade de manter a atenção e o foco no que está fazendo, são crianças que adoram todas as atividades propostas, mas são bem dispersas, cada um de sua forma, a menina quando se dispersa ela bagunça com os outros, já o menino ele fica andando de um lado para outro, prestando atenção em

tudo que seja fora de sala de aula. O jogo do espelho exige uma concentração e atenção no outro que busquei prestar mais atenção nos dois.

No cuidado com o colega e na atenção que necessita ter para trabalho em grupo o jogo de marionete percebi que as duas crianças antes dispersas, fizeram muito bem, no começo foi um pouco trabalhoso para mantê-los atentos, os que estavam de dupla com eles até reclamaram pedindo para fazer com outro, mas insisti por mais alguns dez minutos e valeu bastante a pena, com algumas insistências eles fizeram bem o jogo.

Depois da marionete que era um jogo a distância, agora seria de pequenos contatos, onde nos permitimos tocar no outro e ser tocado. Tocar e ser tocado é simples e mágico, mas permitir uma troca de energia neste tocar que é um dos maiores desafios aqui propostos.

Vários experimentos demonstram que o toque pode: fazer-nos sentir melhor com nós mesmos e com o ambiente à nossa volta; ter um efeito positivo sobre o desenvolvimento da linguagem e sobre o QI das crianças; provocar mudanças fisiológicas mensuráveis naquele que toca e naquele que é tocado. (Kathleen Keating, Vol II, 1987).

Entendendo a dificuldade e também a importância de tocar e ser tocado, arrisquei no jogo de manipulação por pequenos contatos o toque, pois acredito que é importante insistir um pouco mais neste jogo. Alguns limites do corpo do outro não foram respeitados, como por exemplo, tentar fazer com que o colega levantasse os dois pés ao mesmo tempo, como que flutuando. Às vezes é preciso conversar mais, coisas como sentar e falar sobre o que entendem por apoios, dar exemplos, eu esperava o tempo inteiro uma compreensão sensitiva, mas é preciso saber nivelar esses dois lados, aprendi que mesmo que eu busque uma linguagem corporal num diálogo não verbal, é necessário muita fala e muita conversa, nem todos aprendem da mesma forma, e nesta idade é necessário muito diálogo verbal. Foi entendendo isso que a busca pelo objetivo de um diálogo não verbal seguiu outros caminhos, agora pensando sempre em falar e exemplificar, deixar que falem muito algumas vezes pela necessidade de se entender como indivíduo, e algumas vezes se calar para escutar por dentro o que já ouviu e entendeu por fora.

O Abraço foi introduzido no momento em que eles entenderam as diferenças, o cuidado e a importância do outro, de fato é uma das brincadeiras que elas mais gostam, não chamo de jogo, pois não existem regras, o abraço além de ser bom para aproximar

os corpos e entender que cada um tem uma “fôrma” diferente, mas semelhante, ele é acima de tudo afetivo.

Um abraço fala sobre quem nós somos e o que estamos sentindo. O que precisamos em primeiro lugar, é sermos autênticos com nós mesmos antes de tentarmos o contato sincero com o outro. Ficamos embaraçados e confusos quando as palavras dizem uma coisa e o braço diz outra. (Kathleen Keating, Vol II, 1987)

Infelizmente percebi somente na brincadeira, que algumas crianças demonstram os sentimentos claramente através do abraço, assim percebi que os abraços passam muito do que sentem um pelo outro, e quando abraçam quem não tem muita afinidade, é rápido e sem afeto, o abraço é uma troca de carinhos. Preciso ter mais cuidado nesta atividade, principalmente porque temos um menino na turma que acabou de entrar e está sendo aceito agora, e o abraço estimula a sensibilidade do ser humano, nos comunicando de modo mais profundo, e nesse lugar profundo que se encontra o perigo, muitos podem se sentir rejeitados pelos colegas.

Após os bons resultados que pude perceber nas reflexões das aulas anteriores, percebi que havia uma necessidade de trabalhos em grupo neste momento, eles entenderam o cuidado que deve ter consigo, mas o cuidado com o outro é preciso ser trabalhado com mais atenção, e assim se aproximarem mais, foi então que na sétima aula iniciamos um trabalho que ajuda a descobrir suas possibilidades corporais para depois serem aplicadas em grupo, dando mais base do que se pode fazer com o corpo: Jogo de contato visual, jogo de guiar e ser guiado, jogo de guiar em grupo. (Anexo I)

No jogo de contato visual, pedi que em dupla eles mantivessem o olhar um no outro e que andassem pelo espaço sem perder o contato visual, esse jogo requer muita atenção e cuidados, pois poderiam machucar se esbarrando uns nos outros e nas coisas. Foi bem difícil manter esse jogo por mais tempo, as crianças começaram a ficar agitadas e sem paciência por conta do espaço da sala que não favoreceu, estávamos numa sala muito pequena para desenvolver a atividade, foi então que fomos para fora da sala, mas a distração por tudo que está em volta não permitiu que o jogo se desenvolvesse mais.

Mas busquei no jogo de guiar e ser guiado esse mesmo intuito de explorar espaço, o jogo já executado antes e repetido aqui a cada repetição percebo elementos novos, alguns deles como a segurança de quem guia e a busca pela confiança no colega. A sugestão foi que guiassem apenas com o contato das mãos, andamos então pela

escola, mas como no jogo anterior ainda não haviam distanciado da distração em relação as outras coisas, e permitido uma atenção voltada para o novo jogo, acredito que por isso as crianças abriam mais os olhos do que anteriormente.

Voltamos então para a sala de aula e iniciamos o jogo de guiar em grupo, onde o grupo iria guiar uma pessoa, percebi que foi bem melhor, afinal eram muitos para cuidar de uma pessoa só, por isso a confiança era maior também para quem estava sendo guiado.

Temos uma ideia de que é necessário gastar muita energia das crianças, e que elas precisam fazer muitas atividades porque cansam rápido das brincadeiras, mas o contrário disso é que depende de nós educadores, assim descobri ao longo desse processo, realmente elaborei muitas atividades nas primeiras aulas, pois assim que se cansassem do jogo, poderia iniciar outro e outro, gastando muita energia e mantendo a atenção das crianças, mas tudo depende da mediação do professor, é muito importante ser objetivo e dinâmico, escolher os jogos certos e desenvolvê-lo, isso faz a diferença, não adianta a quantidade dos jogos executados se eles não forem bem aproveitados e as crianças possam se lembrar deles depois, pois só assim se percebe que a semente foi de fato plantada em cada uma.

A repetição é importante para novas descobertas, e pensando em desenvolver mais cada jogo, o último dia de aula antes de iniciarmos um trabalho mais focado para a apresentação do final do ano, desenvolvemos alguns jogos que achei de fato importantes para se experimentar e repetir, pois trabalham jogos que exploram os movimentos, podendo experimentar o que aprenderam em outros jogos, trabalha a aproximação e afeto quanto grupo, a consciência corporal e o cuidado com o outro: Jogo de não deixar o balão cair, abraço, jogo do nó, jogo de guiar e ser guiado. (Anexo I)

No jogo de não deixar o balão cair, pedi que andassem preenchendo os lugares vazios, não podendo ficar muito próximos, andando como se tivessem em uma bandeja, onde precisa estar equilibrada para não cair, a partir daí joguei um balão para cima, e disse que o espaço deveria estar preenchido e que o balão não poderia cair, aos poucos fui colocando mais balão no jogo, com os balões nos ares eles ficaram agitados, muitas vezes esqueciam do espaço e queriam o tempo todo estar tocando no balão, o que dificultava a todos brincarem juntos. Parei a brincadeira, retirei os balões e expliquei novamente como funcionaria, coloquei algumas regras como: agora são criaturas com

braços compridos jogo já experimentado anteriormente, que funcionou bem para que percebessem o espaço do outro de forma mais respeitosa, usando o imaginário para solução de espacialidade, se alguém se tocar deve-se parar o jogo e recomeçar.

Assim repeti o abraço, antes de iniciar o abraço que anteriormente não havia dado muito certo, eu sentei com eles e pedi que dissessem uma qualidade de cada colega, qualidades essas que ouvi foram (linda, divertida, amiga, criativa). Depois pedi que um por um levantasse e desse um abraço em cada um falando em voz alto a qualidade do colega, um abraço sincero, e assim todos o fizeram, cada abraço com sua energia e individual, o que me deixou muito feliz por ter dado certo, e ninguém ter se sentido rejeitado, inclusive acredito que o menino foi realmente aceito pelas colegas a partir desse jogo, ele deu boas qualidades a cada uma delas e elas retribuíram da melhor forma. O abraço cria um círculo de cooperação que promove o crescimento e a cura, entendendo a necessidade do outro.

Por vivermos numa época que valoriza a razão e a tecnologia, estamos perdendo a consciência de nossos sentimentos. Quando nos tocamos e nos abraçamos num clima de compreensão, trazemos a tona os nossos sentimentos e reafirmamos a nossa crença no que sentimos. (Kathleen Keating, Vol II, 1987)

Aproveitando a energia boa da brincadeira anterior, nas trocas boas de um abraço sincero, pedi que cada um pensasse em suas próprias qualidades e que de mãos dadas misturassem tudo, iriam dar o que tem de melhor para os outros também, a brincadeira do nó é um jogo que de mãos dadas eles vão se entrelaçando e depois desfaz o nó sem soltar as mãos. Os comandos eram: mistura tudo que há de bom no momento em que se dava o nó, e leva para você tudo que pegou de melhor, quando tentavam desfazer o nó. E assim deixemos que o abraço fale no momento em que as palavras lhe faltam, que ele doe e receba coisas boas.

Acredito que ao longo do processo das aulas alcançamos em partes os seguintes objetivos: a improvisação, a aproximação da linguagem teatral, o entendimento de seu espaço e o do outro, o respeito ao indivíduo e suas diferenças, a importância do trabalho em grupo, assim como a aproximação de pequenos contatos físicos. O diálogo não verbal, juntamente com a escuta corporal mais sensível estão em etapa inicial, de modo que para atingir jogos de contato mais elaborados eles precisavam de vivências em alguns jogos, para depois iniciar os conteúdos mais profundos de contato improvisação. Foi então que começamos nossa jornada para abrir o baú onde guardaram o que

aprenderam nas aulas, para agora utilizá-las no processo de montagem da peça do final do ano. Semente plantada, agora pronta para ser colhida e abraçada.

2.2. PAUSA PARA O VÍDEO

Peça “Saltitar” – 1º ano – 2019

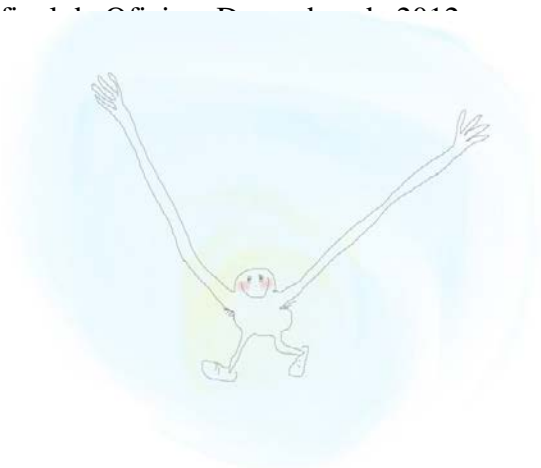
Direção: Isur

Alunos: Luan

Filmagem: Isur

Edição: Nina

Duração do vídeo: 1:30



CAPITULO III -

A ENERGIA INVISÍVEL DE UM ABRAÇO

“Um passo a frente e já não estará mais no mesmo lugar”.

Chico Science

Agora nossa busca era aproveitar o material que já havíamos alcançado, e seguir adiante com o cronograma de eventos do projeto, onde o tempo era curto e a cobrança da coordenação do projeto foi da montagem da peça de final de ano, onde a preocupação agora era entender como funcionaria a montagem desse espetáculo.

3.1. Entendendo como cuidar.

Foi então que organizei da seguinte forma a ordem de trabalho para a montagem da peça de final do ano de 2012:

Pensando o texto a ser trabalhado - Sugeri que as crianças me trouxessem opções de histórias que gostassem e que decidíssemos em conjunto. Por mais que já tivesse trabalhado com jogo cena na peça “CASCA” que relato no capítulo II, onde a narrativa da peça é dada a partir dos jogos, optei por um tipo de trabalho que tínhamos o texto base e que o jogo cena acontecesse em cima do trabalho com o texto, pois acredito na importância do trabalho com o texto escrito e a interpretação dele nesta faixa etária.

A escolha da peça juntamente com as crianças - Os textos/histórias sugeridas foram as seguintes: chapeuzinho vermelho, Cinderela, Carrossel e Saltimbancos, a peça “Saltimbancos”¹³ de Chico Burque foi eleita com a maioria de votos.

Divisão os personagens - No livro Saltimbancos os personagens são os seguintes animais: Burro, Cachorro, Gato e galinha, mas tivemos que substituir alguns animais por outros, o burro pelo leão e a galinha pelo coelho, mantendo apenas o cachorro e o

¹³Os *Saltimbancos* constituiu-se em um musical elaborado no ano de 1977 pelo autor/cantor, Chico Buarque, tendo por base uma adaptação de texto homônimo do italiano Sergio Bardotti, texto esse que bebe na consagrada fonte das fábulas dos Irmãos Grimm, explorando o conto *Os músicos de Bremen*.

gato, isso porque as crianças não queriam fazer o burro ou a galinha e a solução encontrada no momento foi a substituição deles por outros.

Refletindo sobre este ponto, acredito que deixei a desejar no sentido de permitir a troca destes animais sem antes introduzir a importância de cada um no discurso da peça. Substituir dois animais “feios e pobres”, e manter os animais “bonitinhos e ricos” me fez refletir mais tarde sobre o preconceito inconsciente destas crianças que estão acostumadas com as histórias do mundo da Disney.

Trabalho de texto e marcação - Aconteceram simultaneamente, pedi que decorassem suas falas aos poucos, e que improvisassem cenas a partir do que tinham decorado, outras cenas propus pequenos jogos que estimulassem algum sentimento ou movimento, que também foi se transformando em cena, como por exemplo as coelhas serem gêmeas e o jogo era que conseguissem fazer os mesmo movimentos, já as coreografias do cachorro elas mesmas propuseram.

Tive que ter um trabalho diferente com o caçula da turma, uma criança de quatro anos de idade que ainda não aprendeu a ler, diferente das outras crianças que estavam lendo e interpretando o texto, com ele fiz um trabalho de contação de história, o que facilitou o trabalho era que ele teria as mesmas falas que o outro menino da turma, uma criança de oito anos de idade e que faziam o mesmo personagem, juntos eles se ajudavam a lembrar das falas e das marcações, quando um esquecia o outro lembrava.

Percebi que por mais que eu pedisse para decorar as falas elas não decoravam, durante duas aulas fizemos trabalho de mesa, decorando texto, mas o tempo pedia outro ritmo, necessitava de falas decoradas para iniciar as marcações, foi então que tive a ideia de presentear quem decorasse as falas, a cada aula um por um dizia seu texto, e a cada fala decorada a criança ganharia uma figurinha em sua pasta, método adotado para estimular no processo, com isso as crianças decoravam mais rápido, e em cima das falas decoradas desenvolvíamos jogos que se tornavam cenas, assim como elas mesmas propuseram cenas e coreografias que mantivemos na peça. Com textos decorados poderia destinar mais tempo da aula trabalhando interpretação, marcação e principalmente improvisação, procuro trabalhar principalmente a improvisação pois busco atingir também o objetivo de desenvoltura em cena, principalmente nas improvisações diante das dificuldades encontradas.

A improvisação sem dúvida é um caminho de busca da linguagem pessoal do movimento e de comunicação, explorar a improvisação com crianças é estimular o crescimento como indivíduo, além da capacidade criadora e expressiva de ideias e sentimentos.

A montagem da peça aconteceu de forma livre e autônoma, a medida que os jogos aconteciam, se transformavam em cenas, assim como alguns movimentos e marcações foram propostas pelos próprios alunos, o lema era a liberdade e a apropriação sobre o trabalho, que de fato se vê o resultado acontecer na apresentação, pois com a apropriação do trabalho é que se permite a liberdade da improvisação.

No momento em que tive a experiência de dirigir a peça “Casca” descobri uma série de funções que um diretor pode ser, mas acredito ter tido mais claramente essas funções na presente pesquisa. Pois ser professor de teatro é ser diretor, orientador, juntamente com os elementos da encenação, para pensar na montagem da peça, precisava pensar nela como um todo:

Na elaboração do cenário, busquei aproveitar o acervo do projeto, utilizando um grande painel desenhado de floresta, que colocada ao fundo não havia mais nada no espaço além desse painel desenhado exatamente para ter um espaço limpo, livre para se movimentar.

Os figurinos foram decididos em conjunto, na turma tivemos os que não queriam roupas de animais e os que queriam, para contemplar ambos os desejos e tentar manter uma uniformidade no espetáculo, busquei algo que lembrasse ou remetesse ser o animal sem perder a humanidade desse animal, roupas de seres humanos com detalhes que remetessem ao animal, e assim o figurino foi se construindo, nas possibilidades que tínhamos como opções de figurino nas lojas de fantasia, pois não havia tempo nem verba para mandar fazer, por isso ficamos presos apenas nas possibilidades que uma loja de fantasia permitia, que infelizmente não haviam muitas opções.

A iluminação não teve muita variação, usamos a luz geral rápido blecaute e luz azul, que a luz geral mantém uma linearidade de tempo, que tudo acontece durante o dia, até que entra o blecaute para a cena no escuro que rapidamente passa para a luz azul para remeter a noite.

A sonoplastia foi uma das coisas que mais me preocupava em relação a adaptação de um espetáculo musical, se mantivéssemos os mesmos animais, as músicas continuariam as mesmas, mas não foi isso que aconteceu, dois animais mudaram, agora tínhamos o leão e o coelho. Para solucionar o problema pedi que cada um falasse uma qualidade que o animal tem, do leão e do coelho surgiram coisas como, fofinho, ferozinho, quentinho, comilão, cenoura, rapidinho, aproveitando essas palavras pedi que em conjunto inventassem uma música para cada animal. Os dois animais acabaram ficando com a mesma melodia, mas como foi criação deles mantive a mesma melodia e a mesma letra criada por eles. Com a ajuda de meu amigo Hugo Carvalho¹⁴, musicalizamos todas as letras.

A maquiagem foi a diversão da criançada, primeiramente pensei em uma maquiagem mais neutra para manter a humanização proposta nos figurinos, mas infelizmente os únicos dois meninos da turma não ficaram satisfeitos. Foi então que na maquiagem exploramos de fato cada bicho, as gatas maquiadas de gatas, as coelhas de coelhas, as cadelinhas de dálmatas, e o leão de leão que acabou contemplando todos os desejos.

No resultado final os objetivos foram alcançados, as crianças souberam improvisar bem e trabalharam em conjunto, ajudando um ao outro, respeitando o espaço de todos e jogando com o que aprenderam durante as aulas.

O retorno que os pais deram foram os mais diversos. Uma das mães me parabenizou pelo trabalho desenvolvido, pois foi a primeira vez que a mãe pode ver uma das filhas em cena, ela disse que a filha faz balé há dois anos e que nunca apresentou, pois sente muita vergonha, já ocorreu de desistir de apresentar 10 minutos antes de entrar no palco, e o medo da mãe era que acontecesse o mesmo no teatro, como disse a mãe, ela surpreendeu dando “um show”, ela representou uma das gatas, dançou, cantou e falou seu texto sem problema.

O pai e a mãe de um dos meninos ficaram espantados com o comportamento do filho em cena, pois sempre foi um menino tímido, que fala baixo e que tem dificuldade de prestar atenção, no palco o ele representou o Leão, personagem principal do

¹⁴ Hugo Carvalho – Estudante de Música da Universidade de Brasília.

espetáculo, além de falar alto e claro ele auxiliava seu colega de 4 anos de idade, que estava com dificuldade para se localizar no espaço.

É de fato muito importante notar o crescimento de cada criança individualmente, o processo de ensinar e aprender são lugares escorregadios, pois não existem fórmulas concretas e corretas para transmitir um conhecimento, cada um é de um jeito, posso propor este mesmo trabalho na mesma escola, com crianças da mesma idade que o resultado será outro, os meios de se chegar aos objetivos também precisam ser outros, e sentir que precisamos valorizar esse lugar sensível em relação ao outro é que se torna tudo mais fluido, mais carinhoso e cuidadoso com cada um.

3.2 Correndo para o abraço.

Dando continuidade a pesquisa neste trabalho desenvolvido no ano de 2012 que resultou na apresentação final, a reflexão agora do ano de 2013 era sobre o que havia acontecido e sobre a qualidade dos caminhos desenvolvidos, buscando assim refletir sobre os erros cometidos.

Algumas coisas ainda me incomodavam: como a ausência dos pais durante o semestre, e algum registro que as crianças possam ter para lembrar sobre cada aula, após adotar o diário de bordo como meio de comunicação entre pais, alunos e professor, as crianças escrevem ou desenhavam sobre o que aprenderam no dia, e um meio de contato direto com os pais. O diário também foi um meio de estimular os alunos a cada aula, pois cada sábado um deles era presenteado com a maior figurinha seja por bom comportamento, seja por participação ou por respeito ao colega e ao professor, o diário foi de fato o melhor meio encontrado para nos organizar. (Anexo III)

Por ser um projeto informal, onde o aluno não recebe nota ou reprova por não cumprimento de tarefas, a figurinha se tornou uma meta de cada dia para eles, o desejo de ter a maior figurinha do dia os faziam se comportar de outra forma dentro de sala de aula, assim conquistei outro respeito, que antes não tinha.

Percebi que já estavam apropriados dos jogos de regras, pois entre eles buscavam seus limites para não se machucarem, buscando agora jogos que aproximassem eles, iniciamos então o trabalho com os jogos de contato improvisação, dividi então as aulas da seguinte forma: Jogos de contato com objeto, jogos de contato físico, jogos de contato visual, e por fim o abraço.

Nos jogos de contato com objeto, descreverei apenas um dos jogos mais explorados e aproveitados pelas crianças. O balão foi o que nos permitiu maior possibilidade a partir dos jogos com esse objeto, como, manter o balão no ar, mantendo o balão em equilíbrio em alguma parte do corpo, e dançar com o balão, permitindo que esse objeto passasse de um lugar ao outro no corpo. Agora as crianças já estavam seguras quanto ao seu corpo no espaço, mesmo tendo que dividir o espaço para desenvolver o exercício, elas estavam atentas para não se esbarrassem ou se machucassem. Utilizamos em torno de quatro aulas com jogos de objetos, depois iniciamos os jogos de contato físico. (Anexo I)

Os jogos de contato físico, ainda que tenham entendido bem a importância das regras, precisei ser cautelosa na mediação deste tipo de atividade, pelo que pude notar nas aulas ministradas no ano anterior que descrevo no capítulo II, o fato de tocar e ser tocado é um processo a ser conquistado, assim como pode ser algo mágico e prazeroso, pode ser também algo constrangedor e desconfortável, por isso é necessário ser cuidadosa neste tipo de atividade, foi então que os jogos começaram nos pequenos toques, o jogo de marionete com pequenos toques e o jogo de guiar o outro por partes do corpo. Experimentamos e brincamos durante quatro semanas com esses jogos, para que os alunos se permitissem adiante outro tipo de aproximação, como os jogos de contato visual. (Anexo I)

Acredito que a aproximação física é ainda mais fácil de ser alcançada do que a aproximação por contato visual, os jogos de contato visual exige uma concentração diferente, é a fala sem o uso da palavra, é o contato por dentro do outro, e assim desenvolvemos pequenos jogos como o guiar pelo olhar, o jogo do espelho andando pelo espaço em pequenos contatos. Ainda continuamos a desenvolver mais jogos através do contato visual numa busca de que aconteça o abraço de amor ao próximo, uma busca que permiti tocar e ser tocado pelo outro.

A realidade só pode ser física, neste meio físico ela só pode ser concebida e comunicada através do equipamento sensorial. A vida nasce de relacionamentos físicos. A faísca do fogo numa pedra, o barulho das ondas ao quebrarem na praia(...)O físico é o conhecido, e através dele encontramos o caminho para o desconhecido, o intuitivo. Talvez para além do próprio espírito do homem.(Viola Spolin, pág 14, 2010)

Acredito no poder do abraço para o entendimento da linguagem teatral, assim como no desenvolvimento das propostas de jogos, e os jogos de contato improvisação

serão bem aproveitados quando a magia do abraço é entendida e compartilhada, quando se brincam com as regras dos jogos, e se permitindo acima de tudo as trocas de energias. Continuarei na busca dessa linguagem universal que é o abraço, esperando que ela possa transformar o mundo em um lugar melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as percepções e reflexões ao longo deste estudo, percebo que através de minhas experiências como atriz, professora e diretora que pude entender a importância de cada uma delas e como me influenciaram diretamente na pedagogia e metodologia utilizadas em sala de aula na presente pesquisa.

O mais interessante em continuar este trabalho com as mesmas crianças, é que ao mesmo tempo em que acompanho o crescimento de cada uma, estou acompanhando também as descobertas delas dentro da linguagem cênica e como ela tem ajudado no crescimento delas em outros ambientes. Assim como acredito que já se nota uma imensa mudança de comportamento em relação a agressividade, a timidez, a falta de escuta que são comportamentos que antes elas tinham e que agora estão mais carinhosas, atenciosas, cuidadosas e calmas.

O mais precioso que posso tirar desta experiência é sem dúvida a relação que se criou entre aluno e professor, um elo de confiança, de carinho e amor, pois aqui percebo a importância de nunca estar sozinha, a ligação que criamos com outras pessoas é sem dúvida tão importante quanto nossa ligação com a família. Criamos constantemente famílias, seja no trabalho ou em outros grupos, e que isso só acontece quando nos permitirmos trocar energias.

Pensando em futuros trabalhos a partir desta experiência, percebo que a busca inicial pelo abraço se tornou um dos maiores desafios, pois ela pode ser interpretada como algo voltado para o sexual, claro que o abraço íntimo pode ser belo também, mas em um nível diferente de carência, pois para que não seja mau interpretado, descobri que é muito importante abraçar constantemente, sendo assim algo cuidadoso a se pensar em cada idade. Mas acredito no potencial desta proposta, assim percebo que não se chega a um lugar sem antes trilhar um caminho, e esse caminho requer passar por experiências e objetivos que acredito serem primeiramente alcançados, para que depois algo mágico aconteça.

Assim percebo que estamos apenas no início de uma grande jornada, e que os primeiros passos estão sendo dados, cuidadosamente, amorosamente e no tempo de cada um, pois a partir desta oficina é que muitas das crianças têm seu primeiro contato com a

linguagem teatral e a experiência com jogos. As crianças estão conhecendo agora o que é teatro, e eu estou aprendendo agora o que é ser uma educadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Débora. Dança...ensino, sentidos e possibilidades na escola. 3º edição. Campinas – SP, Editora: Autores associados, 2008.

DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do teatro: provocações e dialogismo. 3º edição. São Paulo, Editora: Hucitec, 2011.

DISTRITO FEDERAL. Currículo da educação básica – Educação infantil. Brasília, 2010.

EDUCAÇÃO FÍSICA A DISTÂNCIA : módulo 7 / Alcir Braga Sanches, coordenador. _ Brasília : Universidade de Brasília, 2011.

JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino de teatro. 7ª edição. Campinas-SP, Editora: Papirus, 2001.

KEATING, Kathleen. Terapia do abraço: tradução de Paulo Rebouças. Estados Unidos, Editora: Pensamento, 1987.

LEAL, Patrícia. Respiração e expressividade: práticas corporais fundamentadas em Graham e Laban. São Paulo, Editora: Fapesp, 2006.

MARQUES, Isabel. Ensino de dança hoje: textos e contextos. 6º edição. São Paulo, Editora: Cortez, 2011.

PINHO, Márcia Duarte. Quando a dança é jogo e o intérprete é jogador: Do corpo ao jogo, do jogo a cena. Salvador, 2009.

SILVARES, Edweges Ferreira de Mattos. Estudos de casos em psicologia clínica comportamental infantil, volume II. São Paulo, Editora: Papirus, 2000.

SPOLIN, Viola. Improvisação para o teatro: tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo, Editora: Perspectiva, 2010.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais: O fichário de Viola Spolin; tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo, Editora: Perspectiva, 2012.

SPOLIN, Viola. Jogos teatrais para sala de aula: um manual para o professor; tradução de Ingrid Dormien Koudela. 2ª edição. São Paulo, Editora: Perspectiva, 2012.

WAJSKOP, Gisela. O brincar na Educação Infantil. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf> - Acesso em: 27/07/2013 às 15h26).

ILUSTRAÇÃO: Nina Orthoff

CADERNO ARTESANAL: Sayuri Kudo

ANEXOS

ANEXO I - JOGOS DETALHADOS

Jogo dos números. Sentados em roda todos aleatoriamente tem que contar até dez, a regra é que os números não sejam ditos ao mesmo tempo, caso contrário tem que iniciar o jogo novamente. Jogo que trabalha a atenção e a agilidade;

Jogo de quem começou o movimento? Uma das crianças vai para fora da sala de aula, e dentro da roda é eleita uma criança para que comece um movimento, e todos vão imitando o movimento do colega, e essa mesma criança vai mudando o movimento, a criança que estava fora de sala entra, e tenta descobrir quem está comandando o movimento. É um jogo de atenção e precisão, além de explorar o corpo na descoberta de novos movimentos.

Jogo de pique bandeirinha. Dois times formados em campos opostos onde o objetivo é pegar um objeto que se encontra do outro lado da quadra adversária, caso entrem em campo adversário e for tocado pelo adversário está “colado” não podendo correr, e se for tocado pelo seu time está livre, ganha quem conseguir trazer o objeto até sua quadra sem ser pego. O jogo exige atenção, agilidade, estratégia, parceria e precisão.

Jogo dos nomes. Em roda passa uma bolinha que daria voz para a pessoa se apresentar, apenas quem estava com a bolinha que tem o poder da fala, dizer apenas o nome e a idade de forma que todos entendam, trabalhando foco, memória, dicção e ainda o tempo de cada um e a escutar o outro.

Jogo do nome com movimento. Um por um fala seu nome fazendo um movimento com o corpo, assim todos vão repetindo o movimento do colega, depois um por um faz o movimento do colega depois o seu, e assim sucessivamente, trabalhando a memória do nome, a memória e a repetição do movimento e a atenção.

Jogo da borboleta. Cada um imagina uma borboleta na palma da mão, e que assim que soltasse a borboleta ela começaria a voar, e não poderia tirar os olhos dela assim como o que ela fizesse teriam que fazer também, é importante narrar a história das borboletas. Trabalhamos a imaginação, o foco, a atenção, o raciocínio rápido e o movimento corporal inconsciente.

Jogo de corrida em câmera lenta. Alinhados no final da sala a regra é que esteja sempre em movimento para frente, em câmera lenta e que ganha quem chegar por último. Neste jogo se trabalha o equilíbrio, a paciência, o controle e a respiração;

Jogo do comandante. Apenas um comandante que será a pessoa que irá para fora da sala de aula, explorando corredores, banheiros, escadas, movimentos e lugares novos, os outros o acompanham e fazem tudo que o comandante fizer. Um jogo que trabalha a atenção, a observação e os movimentos;

Jogo de três mudanças. Em duplas os parceiros se observam cuidadosamente, vertido, cabelo, acessório, etc. Viram-se de costas e cada um faz três mudanças em sua aparência física, depois se olham e tentam identificar quais mudanças o outro fez. O jogo trabalha com a observação, a atenção e a aproximação com o outro.

Jogo me conhecendo. Um jogo onde todos andam pela sala naturalmente, em um determinado momento pede-se que todos olhem o andar de um colega, e que imitem esse andar, agora todos estão andando igual ao colega, o observado senta para observar como eles o vêem, e assim até todos participarem. Jogo que ajuda no reconhecimento de si mesmo, perceber como é visto pelos outros;

Jogo reconstruindo-me. Andando naturalmente, sugiro que andem como se tivessem pernas longas e finas, depois que andassem como se tivessem cabeças pesadas e grandes, pés grandes e pesados, barrigas moles como gelatinas e que escorresse, como se tivessem bumbuns do tamanho e na leveza de um balão de gás, como se fossem muito altos e magros, baixinhos e pesadinhos, como se fossem uma gelatina, como se a cabeça fosse um balão de gás, como se os dedos das mãos arrastassem no chão, etc. o jogo estimula a criatividade a imaginação, o controle sobre seu corpo, e as possibilidades de movimentos;

Jogo expressar por partes. Expressar algum sentimento como à tristeza, felicidades, impaciência, raiva, pressa, amor, saudade, confusa, impaciente, entre outros, com alguma parte do corpo, como pés, mãos, barriga, cotovelo, testa, e por aí vai. Estimulando o diálogo não verbal em uma busca de fala pelo corpo, explorando cada parte do corpo com cuidado e foco.

Jogo extensão da audição. Os jogadores irão tentar ouvir os sons perto e os sons mais longe, chegando a sair da sala de aula. Depois eles irão reproduzir esse som com a voz da mesma altura que escutou;

Jogo extensão do olfato. Andar pelo espaço sentindo diferentes cheiros. Ir para fora da sala de aula buscando novos cheiros, e tentar identificar cada um. São exercícios que estimulam os sentidos, a percepção sensorial, e ampliando seu contato com o meio.

Como se levantar sem fazer esforço. Pequenas demonstrações de como levantar do chão sem fazer grandes esforços e sem machucar. Atividade que requer consciência corporal, concentração, equilíbrio, trabalhando o movimento fluido, controlando o peso

Pequenas demonstrações de queda. Atividade que auxilia no controle do peso para que aprenda a cair sem se machucar, exercício que estimula a atenção, cuidados com o corpo, controle corporal;

Jogo Vivo Morto. Onde o jogador deve ficar de pé quando a ordem é “vivo”, e no chão quando a ordem é “morto”, assim explorando a queda sem se machucar. Atividade que irá reforçar a atenção, concentração, consciência corporal, cuidados com seu corpo e movimentos fluidos;

Morto Vivo em câmera lenta. Ao andar pela sala de aula fazendo o exercício de Morto Vivo os jogadores devem fazer tudo em câmera lenta. Trabalhando o controle do corpo e seus movimentos e entendendo seu peso e força;

Cambalhotas para frente. Com o colchão no centro da sala, um por um irá dar pequenas cambalhotas. Trabalhando o controle de seu corpo e a possibilidades deste, consciência corporal e atenção.

Cambalhotas para traz. Com o colchão no centro da sala, um por um irá dar pequenas cambalhotas agora para traz. Trabalhando o controle de seu corpo e a possibilidades deste, consciência corporal e atenção.

Jogo de pontos de desequilíbrio. Andando pelo espaço os jogadores devem em determinado momento se posicionar em pontos de desequilíbrio, por exemplo, ficar de uma perna só, o objetivo é ficar sem cair, quando se chega no limite da queda, volta a andar. Trabalhando o equilíbrio, o controle, a concentração;

Jogo guiar e ser guiado. Em dupla os jogadores só poderão tocar um no outro com apenas uma parte do corpo, por exemplo, a mão, o pé, a cabeça, onde um irá guiar o outro que está de olhos fechados. Atividades que trabalha a confiança, o contato, onde a criança trabalha a proposta do outro;

Guiar em grupo. Um jogador fica de olhos fechados e os outros vão guiando esse jogador pelo espaço, explorando diferentes níveis. Atividade que trabalha a confiança, o cuidado com o outro, a importância do contato para segurança.

Jogo do espelho. Um jogador frente ao outro, um deles irá iniciar um movimento onde o outro será o reflexo, fazendo tudo como está sendo feito. Trabalhando a atenção, o entendimento de movimentos, e a concentração;

Jogo marionete. Um jogador frente ao outro, um deles será o boneco e o outro o manipulador, em uma distância de pelo menos dois metros o comandante irá manipular seu boneco a distância. Trabalhando a atenção, o diálogo não verbal, o contato com o outro.

Manipulação por pequenos contatos. Em trios, onde um dos jogadores seria o boneco sendo manipulada pelos outros jogadores apenas por pequenos toques a distância. Trabalhando a fisionomia de cada jogador, entendendo a ordem e constância do movimento, atenção e cuidado com o próximo;

Abraço. Andando pelo espaço os jogadores irão abraçar o primeiro que encontrar na sua frente, abraçando de formas diferentes, abraço urso, abraço de costas, abraço apertado, etc. Trabalha a interação entre as crianças, e o contato entre elas, entendendo o encaixe dos corpos;

Trabalho de níveis. Movimentar pelo espaço explorando os níveis baixo, médio e alto, movimentos, grande, médios, rápidos e lentos. Ajuda a descobrir fisicamente e corporalmente as possibilidades corporais, dando mais base do que se pode fazer com o corpo;

Jogo contato visual. Em dupla os jogadores vão andar pelo espaço sem perder o contato visual, trabalhando os níveis alto, médio e baixo. Trabalhando a confiança, o foco, a atenção e o cuidado com o outro;

Acrobacias. Pequenos exercícios que explorem as cambalhotas de frente e de trás, estrelinhas e pontes;

Jogo de não deixar o balão cair. Vários balões no ar, e o intuito é que nenhum pode tocar no chão. Trabalhando grupo, a atenção e agilidade;

Jogo nó. Os jogadores formam um círculo com as mãos dadas, sem soltar as mãos do colega da direita e esquerda, à roda vai se enrolando até não conseguir se mexer mais, e aos poucos vai tendo que desfazer o nó até chegarem na posição inicial sem soltar as mão. Trabalhando a atenção, concentração, interação e trabalho em grupo;

ANEXO II - QUESTIONÁRIOS

QUESTÕES PARA OS PAIS.

Buscando melhor conduzir as aulas e poder melhor avaliar o desenvolvimento de seu filho(a), o olhar de fora é muito importante para entender a diferença que a arte traz ao indivíduo. Por isso a importância do questionário aos pais.

Gostaria que respondessem as questões abaixo com suas próprias percepções diante do desenvolvimento de seu filho(a). Obrigada!

Professora: Isumy Kudo

Nome de seu filho(a)/Idade:

CECÍLIA AMÉRICO DE ALMEIDA MARTINS (6 ANOS)

1 – Porque colocou seu filho(a) no teatro?

PORQUE CONSIDERO UMA ATIVIDADE CULTURAL BASTANTE SIGNIFICATIVA AO MESMO TEMPO QUE PERMITE UMA INTERAÇÃO SOCIAL DIFERENTE DA QUELA ESTABELECIDA NA ESCOLA.

2 – O que espera que seu filho(a) aprenda nas aulas de teatro?

ESPERO QUE A CECÍLIA SE DIVIRTA, SEJA FELIZ, APRENDENDO A RESPEITAR OS OUTROS AMIGOS, FAZENDO NOVAS AMIZADES. SE POSSÍVEL, ESPERO QUE ELA DESENVOLVA SUA CAPACIDADE DE EXPRESSÃO.

Isumy Kudo
17.04.2013

QUESTÕES PARA OS PAIS.

Buscando melhor conduzir as aulas e poder melhor avaliar o desenvolvimento de seu filho(a), o olhar de fora é muito importante para entender a diferença que a arte traz ao indivíduo. Por isso a importância do questionário aos pais.

Gostaria que respondessem as questões abaixo com suas próprias percepções diante do desenvolvimento de seu filho(a). Obrigada!

Professora: Isumy Kudo

Isabela Jardim Carvalho

Nome de seu filho(a)/Idade:

Isabela - 5 anos / Caroline 7 anos

1 - Porque colocou seu filho(a) no teatro?

Para de forma lúdica e por meio de fantasmas e brincadeiras, ela encontra formas de se soltar (timidez) e aprimorar relacionamentos interpessoais. Além da classe de contos a magia de computadores, inclusive para ela mais gosto por histórias e assim também leitura, para busca sozinho suas próprias fantasias.

2 - O que espera que seu filho(a) aprenda nas aulas de teatro?

Soltem "

QUESTÕES PARA OS PAIS.

Buscando melhor conduzir as aulas e poder melhor avaliar o desenvolvimento de seu filho(a), o olhar de fora é muito importante para entender a diferença que a arte traz ao indivíduo. Por isso a importância do questionário aos pais.

Gostaria que respondessem as questões abaixo com suas próprias percepções diante do desenvolvimento de seu filho(a). Obrigada!

Professora: Isumy Kudo

Nome de seu filho(a)/Idade:

Pauline - 7 anos

1 – Porque colocou seu filho(a) no teatro?

Com Isabela (criar o espetáculo)

2 – O que espera que seu filho(a) aprenda nas aulas de teatro?

QUESTÕES PARA OS PAIS.

Buscando melhor conduzir as aulas e poder melhor avaliar o desenvolvimento de seu filho(a), o olhar de fora é muito importante para entender a diferença que a arte traz ao indivíduo. Por isso a importância do questionário aos pais.

Gostaria que respondessem as questões abaixo com suas próprias percepções diante do desenvolvimento de seu filho(a). Obrigada!

Professora: Isumy Kudo

Nome de seu filho(a)/Idade:

Thierry Dionísio Amorim

1 – Porque colocou seu filho(a) no teatro?

Porque é algo que ele gosta muito de fazer. Porque o Thierry é muito tímido e o teatro é uma forma de conseguir se expressar. Porque eu (mãe) já fiz teatro e sei do quanto me ajudou em diversos aspectos. Percebemos uma grande e positiva mudança no comportamento do Thierry do ano passado para este: ele está mais desinibido, falando muito, todo mundo da família/escola percebeu e comentou.

2 – O que espera que seu filho(a) aprenda nas aulas de teatro?

A expressar seus sentimentos sem medos.
Entrar em contato com suas emoções.
Alé, quem sabe, na questão da dispersão que é muito forte nele, esperamos que o teatro ajude também.

QUESTÕES PARA OS PAIS.

Buscando melhor conduzir as aulas e poder melhor avaliar o desenvolvimento de seu filho(a), o olhar de fora é muito importante para entender a diferença que a arte traz ao indivíduo. Por isso a importância do questionário aos pais.

Gostaria que respondessem as questões abaixo com suas próprias percepções diante do desenvolvimento de seu filho(a). Obrigada!

Professora: Isumy Kudo

Nome de seu filho(a)/Idade:

• Zion Amorim Afonso.

1 – Porque colocou seu filho(a) no teatro?

Para acompanhar o irmão que faz teatro desde o ano passado. Porque é uma criança muito ativa e ao mesmo tempo tímida e brincalhona.
Para desenvolver suas habilidades, canalizar sua energia.

2 – O que espera que seu filho(a) aprenda nas aulas de teatro?

Que ele aprenda a se expressar de forma criativa, desenvolver linguagem corporal.
Que ele ~~brinque~~ brinque, se divirta e sinta prazer em fazer arte.



O olhar dos pais é de fato muito importante para o desenvolvimento das crianças!
Juntos podemos fazer parte desse crescimento da forma mais divertida possível!

O questionário a seguir é sobre as diferenças percebidas pelos pais em relação a seus filhos.

Houve alguma mudança em seu filho após começar a fazer teatro? Quais?

Está começando a se sentir mais a vontade por participar das atividades da aula de teatro.

2 - Houve alguma mudança no rendimento escolar? Comente sobre.

não

Se seu filho fez parte da peça "saltitando", comente sobre seu filho em cena.

não

O que espera de seu filho no espetáculo do final do ano?

Que ela se divirta e se sinta confortável de se expor diante de outras pessoas.



O olhar dos pais é de fato muito importante para o desenvolvimento das crianças! Juntos podemos fazer parte desse crescimento da forma mais divertida possível!

O questionário a seguir é sobre as diferenças percebidas pelos pais em relação a seus filhos.



- Houve alguma mudança em seu filho após começar a fazer teatro? Quais?

Maior interesse por histórias, interpretações e brincadeiras de "faz de conta".

2 - Houve alguma mudança no rendimento escolar? Comente sobre.

Maior interesse por leitura.

Se seu filho fez parte da peça "saltitando", comente sobre seu filho em cena.



não

O que espera de seu filho no espetáculo do final do ano?

Que ele se divirta e se sinta confortável de se expor diante de outras pessoas.

Zion

O olhar dos pais é de fato muito importante para o desenvolvimento das crianças!
Juntos podemos fazer parte desse crescimento da forma mais divertida possível!

O questionário a seguir é sobre as diferenças percebidas pelos pais em relação a seus filhos.

- Houve alguma mudança em seu filho após começar a fazer teatro? Quais?

Sinto que ele está amadurecendo aos pouquinhos.
Ainda é um "grude" com o irmão mais velho, mas
aos poucos vai aprendendo e se sentindo seguro.

2 - Houve alguma mudança no rendimento escolar? Comente sobre.

Ainda em observação.

Se seu filho fez parte da peça "saltitando", comente sobre seu filho em cena.

Ele não fazia teatro nesta época

O que espera de seu filho no espetáculo do final do ano?

Espero que ele consiga vencer um pouco a timidez e
se soltar no palco. Espero que ele faça o melhor que
puder oferecer naquele momento. Tenho certeza que
será muito especial, independente do que acontecer! 😊

THIERRY

O olhar dos pais é de fato muito importante para o desenvolvimento das crianças!
Juntos podemos fazer parte desse crescimento da forma mais divertida possível!

O questionário a seguir é sobre as diferenças percebidas pelos pais em relação a seus filhos.

- Houve alguma mudança em seu filho após começar a fazer teatro? Quais?

Sim. Ele está mais desinibido, parece mais à vontade na frente de pessoas que não tem tanta intimidade. Está mais falando.

2 - Houve alguma mudança no rendimento escolar? Comente sobre.

As notas do primeiro trimestre foram boas. Não sei ainda dizer se houve mudança no rendimento, estamos ainda observando.

Se seu filho fez parte da peça "saltitando", comente sobre seu filho em cena.

Foi surpreendente. Ele, oriana sempre tão tímida e retraída, se soltando, falando na frente de uma plateia, de forma tão bacana. Toda a família ficou encantada com a participação dele na peça.

O que espera de seu filho no espetáculo do final do ano?

Espero que seja tão bom quanto foi em "saltitando". Que ele se solte mesmo e consiga ultrapassar as barreiras do medo, timidez e ansiedade.

ANEXO III – DIÁRIO DE BORDO













23/3/13 Hoje no teatro foi muito legal a peça que a gente fez. Eu só não fiz 1 aula a gente lanchou e também brincou

tio zuzi eu gosto

muito de rose

Carol



Eu
Carol 2



Carol 1





